

TRANSCRIÇÃO DO AUDIO E VIDEO DA AUDIÊNCIA PÚBLICA REALIZADA NO DIA 29/07/2015, NO

ASSUNTO: Audiência Pública com o objetivo de discutir questões relacionadas ao licenciamento ambiental de Obras de Controle de Inundações da Bacia do Córrego Tremembé Resolução nº 69/CADES/2002–DATA DA APRESENTAÇÃO: 29/07/2015 – Horário: 16h00.

LOCAL: Auditório da Subprefeitura Jaçanã/Tremembé – Rua Dr. José Vicente, 228 – Tremembé/São Paulo/SP

COMPOSIÇÃO DA MESA DIRETORA:

- Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES e Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente – SVMA, senhor José Tadeu Candelária.
- Representante da SIURB¹: Pedro Luiz de Castro Algodoal
- Representante da Empresa Ampliari Natureza e Sociedade²: Sr. Antonio Carlos França.
- Representante do SVMA – DECONT: Senhor Júlio César dos Reis
- Subprefeito Jaçanã/Tremembé: Sr. Niwton Gilberto de Jesus
- Chefe de Gabinete Jaçanã/Tremembé: Sr. José Carlos Miranda

- **Sr. José Tadeu Candelária:** Boa noite, gostaria de convidar os representantes da mesa para que tomem seu lugar à mesa. O sr. Chefe de Gabinete, José Carlos Miranda. Gostaria também de chamar à mesa o subprefeito de Jaçanã/Tremembé, Sr. Niwton Jesus. Gostaria de chamar à mesa o Sr. Pedro Luiz de Castro Algodoal, representante do SIURB, para que tome seu lugar à mesa, também quero convidar o José Carlos, chefe de gabinete

¹ Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras do Município de São Paulo.

² Empresa responsável pelo Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental.

para que tome o seu lugar aqui, quero chamar o doutor Júlio, do DECONT, para que tome seu assento. Também quero chamar o Sr. Pedro Luiz, do SIURB, para que tome seu lugar à mesa, quero chamar o Antonio França também, responsável pela empresa Ampliari, para que tome seu lugar aqui. O objetivo dessa reunião, dessa audiência é de discutir questões relacionadas ao licenciamento ambiental de Obras de Controle de Inundações da Bacia do Córrego Tremembé. Eu gostaria que todos ficassem tranquilos que vão ter a oportunidade de todos os questionamentos poderem colocar aos engenheiros e técnicos da prefeitura que estão aqui para dirimir qualquer dúvida e quero dizer aos senhores também, transmitir que essa reunião, o nosso prefeito, Fernando Haddad recomendou a todos nós que fizéssemos da melhor maneira possível para que a gente pudesse atender a comunidade na maioria dos seus direitos, dentro daquilo que as regras recomendam, porque essa é uma das reuniões mais democráticas que nós conhecemos e vocês tenham certeza de que a participação de vocês hoje, nessa audiência, vai contribuir muito para que esse projeto possa ser realizado com sucesso. Na verdade, a gente discute todos esse projeto também no CADES e no conselho e as reuniões anteriores que já foram feitas, foram coroadas de sucesso e isso para nós é muito importante. A participação de vocês é fundamental para que esse projeto possa ser realizado e possa atender os interesses da comunidade e da cidade de São Paulo, então, quero em nome do prefeito, Fernando Haddad, agradecer a presença de vocês, a participação e a colaboração de todos. Nós todos estamos aqui com o único intuito de poder responder aquilo que estiver ao nosso alcance em relação aos questionamentos que vierem. Então muito obrigado, uma boa reunião a todos e eu vou

passar a palavra para a Júlia, para que ela possa dar continuidade aos trabalhos.

Sra Júlia. Boa noite a todos, essa audiência pública é regida pela resolução 69 do CADES/2002, o CADES é o departamento da divisão da Secretaria do Verde e fomenta a participação popular. Essa resolução ela adota os seguintes procedimentos. Primeiro a formação da mesa, né, depois a abertura do presidente, que já ocorreu, a exposição dos trabalhos, apresentada pelo França e pelo Algodal e o público deve seguir as seguintes regras: as entidades da sociedade civil serão 5 minutos para expor a sua questão, no máximo de 30 minutos. E a sociedade civil, dos presentes, tem 2 minutos cada um, no máximo de 60 minutos. A manifestação das autoridades, mais cinco minutos para cada exposição. Informamos que a mesa, né, quem ainda não fez a inscrição encontra-se no fundo, à esquerda. A gente aproveita também o momento para registrar a presença do doutor Alexandre de Almeida, representando o secretário municipal dos transportes, senhor Gilmar Tatto, o senhor Marcos Tavares, que representa a associação dos moradores do Tremembé e Vila Albertina, o senhor João Almeida dos Santos, representando secretaria de esportes, do secretário senhor Celso Jatene, senhora Shirlei Diniz, pela diretoria regional da educação do Tremembé, e a senhora Sônia Regina de Oliveira representando o vereador Conte Lopes. Também temos o senhor Júlio César Peres Alves, representando o núcleo de desapropriação do SIURB. Então eu peço por favor, ao senhor Pedro Luiz Algodal, do SIURB, que apresente o projeto técnico referente às obras para controle de inundações da bacia do Córrego

Tremembé, lembrando que disponibilizamos 30 minutos para a exposição. Por favor.

SR. Pedro Luiz de Castro Algodual: Boa noite a todos. Então, é com muita satisfação que vou apresentar o projeto de controle de cheias da bacia do córrego Tremembé. Inicialmente a gente vai apresentar um vídeo com a maquete eletrônica das obras que foram propostas e depois eu faço uma apresentação e uma exposição do projeto e fico a disposição para tirar as dúvidas no final. Pode passar o vídeo: *(apresentação do vídeo)*. Bom, esse vídeo estará disponível no site da prefeitura na parte da SIURB, então vocês podem ver de novo, ele é bom porque ele mostra o funcionamento do sistema e as estruturas, mas a parte técnica vou mostrar agora na apresentação que ela vai colocar aqui. *(apresentação de slides)*. Pode passar. Bom, isso daqui é generalidade aqui, a localização do córrego no município, isso vocês já tem conhecimento, pode passar. Aqui é a bacia hidrográfica do rio, afluente do Cabuçu de Cima, tem uma série de vertentes que vem da Cantareira, principalmente, mas o curso principal, já está bastante ocupado. Pode passar. Essa situação de enchentes é o problema que a gente vai atacar, isso foi analisado pela empresa que fez o projeto para justamente diagnosticar porque que ocorrem essas enchentes e quais são as soluções. Pode passar. Então, essa conceituação problema, ela é feita da seguinte forma. A gente tem uma situação na bacia que alia alguns fatores importantes. O primeiro é considerar que ele, passa um pouco pra frente, isso, esse daqui. Considerar que ele é um afluente, o Tremembé é um afluente do Cabuçu de Cima. O Cabuçu de Cima já tem uma canalização

definida e a gente não consegue ampliar a capacidade de escoamento desse rio, então se a gente fizesse uma obra aqui no Tremembé, e descarregasse mais água, a gente transferisse as inundações do Tremembé para o Cabuçu de Cima, a gente só ia causar problemas no Cabuçu de Cima, e isso a gente não pode fazer. A outra característica que tem na situação de hoje, em volta do curso principal, a exceção do trecho do Horto, ela é densamente ocupada, densamente urbanizada, as construções estão bastante próximas do rio e vários trechos, esse trecho de jusante todo e esse outro trecho, já estão com canalizações, com obras feitas já, com obras já concluídas. Esses três fatores, nessa avaliação, pode voltar para aquela planilha, pode voltar, por favor. Isso, por isso foi feito um estudo, está apresentado aqui um resumo desse estudo para verificar tudo o que a gente poderia aproveitar da estrutura existente, da bacia hidráulica, das galerias e canais que foram feitos na bacia e que a gente quer aproveitar ao máximo essa estrutura para evitar outras intervenções que pudessem impactar na bacia, tanto em desapropriações quanto em custo de obras que pudessem ter sido feitas a mais, por isso foi verificado aqui, aqui em vermelho, são os trechos onde as obras existentes são insuficientes, quer dizer, elas causam inundações para dois tipos de situação. Um para chuva de, a gente chama de 25 anos de recorrência, é uma chuva já bastante intensa, e essa daqui para 100 anos de recorrência, uma chuva mais intensa que é o padrão hoje adotado pelo DAEE. 25 anos para vocês terem uma ideia, corresponde a obra que foi feita no Pacaembu e que tem se mostrado bastante satisfatória e a maioria das obras da prefeitura é para 25 anos, as obras novas, como essa, estão sendo dimensionadas para 100 anos, atendendo essa norma do DAEE. Então vocês veem que para 100 anos,

poucos trechos ficam considerados adequados por esse critério. Aqui vocês veem uma representação gráfica da variação que dá de 25 para 100 anos. 25 aqui a linha azul, e a linha vermelha de cima, tá. Então, isso que acontece. Com base nesse diagnóstico, se buscou uma solução que pudesse otimizar essas estruturas existentes. De que forma? A gente tem o recurso de ampliar a canalização desses trechos. Aí a gente precisaria fazer uma intervenção em todo fundo de vale, e a outra alternativa, que foi adotada no projeto, é a de fazer reservatórios que vão recolher essa água excedente, que vocês viram no vídeo, o córrego passa e essa água da enchente que acontece aqui é muito rápida, nesse instante que vem a onda de cheia, o reservatório reserva essa água sem causar problemas à jusante, então ele protege aquelas regiões que eram atingidas pelas enchentes, reservando essa água e, passada a onda de cheia, o reservatório ele é esgotado como vocês viram no vídeo. Pode passar. Então, aqui foi construída essa intervenção, com a construção de reservatórios, para reter esse excedente e tornar aquelas canalizações que naquele gráfico foi apontada insuficiência, com o reservatório protegendo essa região, você torna aquele trecho de canalização adequado e você não precisa fazer uma intervenção ao longo de toda a canalização, você faz uma intervenção localizada com menos desapropriação e menos custo. Então os objetivos do projeto estão discriminados aqui, seria justamente esse aumento de capacidade de retenção e amortecimento e a recuperação das áreas de amortecimento foi possível se apropriar de áreas de retenção natural, que seriam as áreas verdes no entorno. A desapropriação das áreas que estão muito juntas do córrego, só realmente o essencial, minimizando assim as desapropriações. Pode passar. Então aqui a conceituação

geral. Você tem esse reservatório que vai conseguir evitar obras no córrego da Cantareira, tá. Depois a gente mostra com mais detalhes cada um dos reservatórios. Esse trecho aqui é um trecho de canalização bastante antiga que realmente não se mostrou muito possível fazer uma recuperação desse trecho, uma adequação desse trecho só com o reservatório, então foi necessário fazer uma intervenção mais longitudinal, que seria a canalização desse trecho. Tem um trecho em que o córrego corre inclusive a céu aberto e tem umas canalizações não contínuas nesse trecho aqui, então esse trecho vai ter uma intervenção maior. Esse reservatório 3, ele protege mais uma região na área, aqui eu acho que é a Maria Amália, isso, nesse trecho tem um canal que está um pouco maior então a gente pôde, com a construção desse reservatório, evitar uma intervenção neste trecho. Esse trecho aqui é o trecho da rua Conchilia, onde a canalização também era muito deficiente, então houve também a necessidade de fazer uma intervenção associada à construção desse reservatório R4, aqui na Di Cicco. E esse reservatório 5 dá uma proteção maior para esse longo trecho aqui, que é uma canalização mais recente. Pronto, vocês não estavam ouvindo? Tava com chiado? Agora melhorou. Bom, então esse reservatório 4 com essa canalização vai proteger a área da Rua Conchilia, e com a construção desse reservatório 5 associada ao 6, a bacia do córrego Piqueri é bastante grande, é a maior afluyente do córrego Tremembé, então ele é protegido também pelo maior reservatório do projeto que é o reservatório 6. E, esses 2, eles evitam uma intervenção daqui até o Cabuçu de Cima, né. Você protege toda essa área aqui e uma canalização, feita recentemente, não precisa ser mexida de novo. Pode passar. Aqui é o detalhe de cada uma delas, né! Esse reservatório no córrego Cantareira fica

perto da Rua São Cleto, uma área particular, mas desocupada. Pode passar. Sem construção. Esses reservatórios aqui, esse pontilhado é uma representação em corte da situação atual dessa área. Então vai ser feita uma escavação e constituído um piso, que esses taludes aqui em verdade, esses barrancos em verde aqui, são esses barrancos aqui, e aqui é o fundo do reservatório e aqui é o canal que conduz as águas que passam por dentro do reservatório. Aqui é a entrada do reservatório e a saída. Ela tem uma restrição, ela não deixa a vazão da cheia, essas águas excedentes que eu falei, elas não deixam atingir as casa como acontece hoje. Elas ficam retidas nesse volume que vai se encher até aqui e depois que passar a chuva ele vai ser esgotado. Pode passar. Aqui é o outro reservatório, reservatório 3, na Maria Amália Lopes de Azevedo, também é uma área, tem sido escolhidas sempre áreas sem construções e sem casas, para fazer esses reservatórios. Então, esse reservatório, (pode passar) também vai ser feito por uma escavação, vai ficar uma área aberta que pode ser feito um tratamento paisagístico, um plantio de árvores em volta deles para adequar e integrar com a região, não é! E além disso, eu acho um aspecto importante que o vídeo mostra, é que hoje em dia, você tem o córrego muita dificuldade, que apresenta muita dificuldade para a subprefeitura fazer a manutenção, tirar o lixo, tirar o mato, tal. O reservatório, todos eles tem rampa de acesso para uma máquina tirar esse lixo que vai ficar retido nos reservatórios, tá! Então você vai ter os trechos de canalização, mais mantidos com mais facilidade e menor custo para a prefeitura e, provavelmente, vai dar melhores condições aí para todo o conjunto do córrego. Pode passar. Aqui, esse reservatório 4, ele vai ser construído no estacionamento da Di Cico, a ideia, e está sendo já negociado isso

com a Di Cico, para ser feita a construção desse reservatório, depois ele é tampado e vai ser devolvido e vai ser utilizado de novo como estacionamento. Então só durante a obra que vai ser feita aí uma negociação com a Di Cico para ver como que vai ser feito esse, como é que vai ser feita a operação da loja durante as obras. Pode passar. Então esse, diferente dos outros, esse é o reservatório fechado que vai, quer dizer, depois de construído, ele vai ficar como a praça Charles Miller no Pacaembu, você não vai mais o reservatório. A única coisa que vai ficar aparente é o acesso para manutenção e limpeza dele. Pode passar. Esse reservatório 5 também é numa área não construída hoje. Pode passar. Ele é semelhante ao outro, ele tem uma rampa de acesso, ele também tem uma restrição para reter as vazões máximas e proteger o trecho de jusante. Pode passar. Esse reservatório 6, ele fica no ribeirão Piqueri e é o maior deles, um reservatório com 50 mil metros cúbicos, quase do tamanho do reservatório do Pacaembu. Pode passar. Ele também é, ele funciona in line, quer dizer, o córrego passa por dentro dele e tem uma restrição de saída para segurar a onda de cheia. Pode passar. Esse daqui é o trecho da canalização, nesse trecho da Rua Francisco Inglês. Ele passa. Pode passar. Hoje o córrego passa por trás das casas aqui, tá, tem a Rua Francisco Inglês e tem o trecho do leito do córrego que passa atrás das casas. Essa obra, a gente vai construir uma grande galeria na própria Francisco Inglês, porque o canal que passa atrás das casas não tem capacidade de escoamento das águas e causa as inundações. Com essa grande galeria, a gente vai aumentar a capacidade de escoamento e dar sequência às outras obras, integrando com os projetos da bacia. Pode passar. Em seguida tem esse trecho aqui que vai ser uma canalização aberta. Ali a gente

não poderia fazer uma canalização aberta porque é um trecho em rua, então vai ser mantido o álvio principal, o álvio atual. Nesse caso aqui a gente vai a canalização de um trecho não canalizado. Então vai ser um canal aberto que vai ficar mantido entre as construções. Pode passar. Então aqui é uma representação do canal como é que ele vai ficar, esses, aqui você tem uma, um estudo das construções que vão ser desapropriadas, mais esse estudo, essa sinuosidade toda foi feita para acompanhar o espaço disponível que você tem, minimizando essas desapropriações. Então foi tudo pensando dessa forma para ter o mínimo impacto possível. Pode passar. Aqui é outro trecho próximo da Rua Pedro Pedresque. Pode passar. A gente tem aqui um canal natural que vai ser canalizado, também seguindo a sinuosidade natural também para evitar esse impacto de desapropriações. Pode passar. mesma coisa nesse trecho da Rua Conchilia. Nesse trecho vai ser feito uma canalização aberta, um canal de 6 por 3. Pode passar. Que ele vai passar ali onde tem o álvio natural e aquelas canalizações pequenas que existem ali, que causam esse grande problema que a gente enfrenta, que a população que mora ali, enfrenta. Pode passar. Aqui mais um trecho que tem parte já, canalizações antigas e parte, o canal aberto, próximo do córrego Esmagaçal. Pode passar. Aqui é esse trecho que está representado próximo da Maria Amália. Pode passar. Mesma coisas aqui, esse trecho da Coronel Sezefredo Fagundes, aqui ela cruza a Sezefredo. Vai ser feito um reforço com uma galeria fechada, então você vai ter uma canalização que vai ser reforçada com uma galeria adicional com sete e meio de largura por três e cinquenta e cinco de altura, 700 metros de galeria. Pode passar. Que está representada aqui, nessa galeria. As obras todas vão permitir alguns espaços. Aqui tem a

canalização e você tem alguns remanescentes juntos do canal que vão permitir que se faça uma obra de paisagismo e requalificação de todo fundo de vale onde forem feitas as intervenções que a gente está propondo. Pode passar. Ah, voltando aqui um pouco para o paisagismo, vale colocar que o paisagismo ainda vai ser objeto de um detalhamento com as diretrizes da Secretaria do Verde, do DEPAVI, que vai orientar qual o tipo de tratamento paisagístico que vai ser dado a essa obra. Pode passar. Aqui é um resumo do fluxograma das etapas que a gente precisa cumprir para viabilizar essa obra. Então são três linhas principais. A linha econômica, a gente tem que aprovar os recursos para execução da obra, isso já está bastante adiantado. A outra é o licenciamento ambiental da obra, que é o que a gente está fazendo agora aqui, essa audiência pública ela tem o objetivo de licenciamento ambiental da obra, e a terceira é a desapropriação dos imóveis que for necessária a desapropriação. Nesse caso foi feito um primeiro levantamento. Ele indicou 152 imóveis a serem desapropriados, só que desses, só 10% desses, aproximadamente, seria desapropriações totais. Os outros todos não são desapropriações totais, a maioria pedaço do fundo do imóvel, ou seja, o proprietário não vai precisar sair do imóvel. Ele vai poder continuar morando ali e fazer uma pequena do imóvel, do muro de fundos, e uma coisa realmente da parte da construção do imóvel que está realmente muito junto do córrego. Porque, foi, e eu tenho destacado isso desde o início, esse projeto foi estudado com muito detalhe, foi uma diretriz muito forte que a gente tivesse o mínimo de desapropriações possível, então, mas isso não vai começar esse ano, essa desapropriação, vai começar no próximo ano e a subprefeitura vai poder dar as informações com relação aos imóveis

que possam ou não ser atingidos. Durante o desenvolvimento do projeto, ali no banner tem também uma indicação das áreas que podem ser desapropriadas, e ali é um levantamento antigo até o número de imóveis que está indicado lá está, a gente já conseguiu baixar um pouco, acho que está em 180 e poucos e agora a gente chegou nesse número de 152, e que no detalhamento do projeto, a gente vai conseguir baixar ainda mais esse número porque o nosso objetivo realmente é fazer o controle das cheias e não desapropriar imóveis. Pode passar. Bom, era isso que eu queria apresentar e eu me coloco à disposição no final para esclarecer as dúvidas que surgirem depois e eu passo a palavra para o França. Boa noite.

Sra. Júlia: Obrigada, Pedro. Então dando continuidade aos nossos trabalhos, eu quero registrar a presença do vereador Aníbal de Freitas Filho e reforçar que as inscrições ainda estão abertas, mas no momento em que a segunda apresentação se encerrar, as inscrições encerram-se juntos, então ainda há tempo de fazer a inscrição. O secretário permitiu, presidente da mesa, na próxima apresentação, se os membros da mesa quiserem assistir do auditório, sintam-se à vontade. Agora sim, a gente pode chamar, pedimos ao senhor Antônio Carlos França, da Ampliari, que faz parte da equipe que elaborou o estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental dessa obra. Lembramos que o senhor tem 30 minutos também, senhor França.

Sr. Antônio Carlos França: Boa noite a todos, eu sou o França e estou representando a equipe da Ampliari (eu tenho que ficar aqui, por conta da questão tecnológica, dessa lado). Então eu estou aqui com a incumbência, com a responsabilidade de fazer a

apresentação, em 30 minutos, de um trabalho que realizado por cerca de 65 pessoas, 65 técnicos. É uma dificuldade para a gente pode apresentar, fazer um resumo em 30 minutos de um trabalho como esse, como a gente sabe também que é uma dificuldade por parte das pessoas que pela primeira vez vão ver o estudo, mas vamos tentar fazer o máximo aqui, apresentar a essência desse trabalho, e vamos estar aí à disposição depois para qualquer dúvida, tá bom. Queria só informar que na mesa de inscrição, tem ali o volume do EIA, dois volumes de uma única edição, e também tem um volume lá do RIMA, se alguém tiver e quiser consultar está ali à mesa. Nós somos da Ampliari, a Ampliari é uma empresa que trabalha na área de consultoria ambiental desde 94, então a gente já tem um pouquinho mais de 30 anos. Nessa conformação desde 2005 e ela é responsável, então nós fazemos do licenciamento ambiental à própria questão de gestão ambiental, ou seja, implantação de programas, medidas, quando se tem alguma obra, se tem algum projeto, nós trabalhamos na execução de programas ambientais e também trabalhamos na parte de prevenção e administração de crises, quando ocorre alguma crise com o empreendedor e a sociedade também. Vamos falar um pouco do que é EIA/RIMA. Na nossa concepção, o EIA/RIMA começa quando a gente consegue entender, primeiro, as características do empreendimento, ou seja, que empreendimento é esse que nós vamos estudar? Quais são os impactos potenciais que esse empreendimento provocar na medida em que ele é implantado para que ele possa ser operado. Então a nossa metodologia a questão central é entender qual é o tipo de empreendimento. Se ele é um hidrelétrica, se ele é uma térmica, se ele é uma canalização de córrego, se ele é uma ferrovia, se ele é um porto, cada um desses

empreendimentos tem determinadas características e que por sua vez nos auxilia a fazer o levantamento de estudos necessários para poder identificar o impacto mais importante ou o conjunto de impactos que está pertinente a esse empreendimento. Além disso, nós levantamos também a legislação ambiental incidente, também a legislação referente ao próprio empreendimento, os seus atos regulatórios e, principalmente, também vamos buscar a identificação de projetos co-localizados. Exemplo, aqui na região, não sei se aqui especificamente nesse bairro, mas em alguns trechos aqui da região está existindo uma obra de canalização de esgoto. É um projeto co-localizado. As vezes está junto conosco na implantação desse projeto de canalização de córregos, as vezes não, tá. Então esse é um projeto co-localizado por exemplo, que a gente tem que ver se tem alguma relação. Feito isso, né, a gente faz o diagnóstico, que significa, eu conhecendo o empreendimento, sabendo sua legislação e dos projetos co-localizados, eu parto para fazer a elaboração, eu faço um diagnóstico sócio ambiental, do meio físico, do meio biótico e da sócio economia, ou seja, eu vou conhecer esses sistemas que possam me trazer informações para que eu possa caracterizar o contexto aonde esse empreendimento vai estar inserido e também me auxiliar na busca dos principais impactos que eu tenho que levantar em relação ao empreendimento em cima da região a qual você faz a interferência. Feito isso, a gente faz uma avaliação dos impactos ambientais, esses impactos nos auxiliam depois a fazer os programas ambientais, o prognóstico, ou seja, o que vai ser quando esse empreendimento existir na região, e as considerações finais. Todos esse esforço, que teve mais de 6 meses de trabalho, ele resulta em um relatório de impacto ambiental, num estudo de impacto

ambiental e num relatório de impacto ambiental que a gente entrega à Secretaria Meio Ambiente, ela hoje está analisando, essa audiência pública é objeto desse processo de licenciamento. Bom, vamos falar um pouquinho rapidamente, o Algodão que já nos precedeu aqui já falou muito aqui com relação ao projeto, mas é importante entender, por que que tem um projeto como esse hoje? Porque a cidade de São Paulo, o município de São Paulo, que faz parte da região metropolitana, ele tem um contexto histórico que vem desde meados do século 20, ou seja, a partir dos anos 30, 40, existe um processo de uma atração de pessoas pra cá e a cidade passa a crescer e passa a ficar cada vez mais impermeabilizada e grande parte da ocupação de São Paulo, até a década de 50 não tem sequer, nenhum registro de planejamento territorial. Ou seja, os bairros se formavam através da iniciativa daqueles que tinham lá uma área e queria lotear, né. E assim foi sendo feito, em grande parte da cidade. Somente a partir dos anos 50, com o prefeito Faria Lima, é que tem um primeiro plano, assim, do Estado e da prefeitura, do Poder Público, de realmente pensar um pedaço da cidade de São Paulo, que é a avenida 23 de maio, a Rubem Berta, o Ibirapuera, tal, que é esse plano de avenidas, ali na década de 50. Depois disso só a partir de 70, 75 é que tem o primeiro plano diretor da cidade. Por que que a gente está falando isso? Porque hoje, a obra que nós estamos aqui discutindo, ela vem pra corrigir, em parte, a ocupação da forma como ela foi feita. Nós temos muita impermeabilização como nós vamos ver aqui, da região, e aí as águas não tem para onde correr, o fundo dos lagos são muito ocupados e quando dá enchente todo mundo tem transtorno, então é necessário fazer essa correção hoje de uma forma que não prejudique tanto a vida das pessoas, mas que facilite muito a vida

de muito mais pessoas e da região como um todo. E, hoje nós temos uma tendência, principalmente nas regiões, que não é mais expandir a região horizontalmente, mas é começar a ter construções verticais, né, porque a gente não tem muito mais áreas na cidade de São Paulo, então agora a gente tem que adensar, ou seja, trazer mais gente para o mesmo lugar, e aí imagina você estar adensando e tendo problemas de enchente, isto também vai cada vez mais provocando problemas como o trânsito e tudo mais. Pode seguir. Então, quais são as principais causas da inundação? A urbanização da bacia, no caso aqui, nós temos a bacia do Tremembé, objeto desse trabalho, nesse sentido, quando chove demais, as águas não tem para onde ir, e elas acabam inundando as áreas mais baixas e provocando as enchentes, que é nas casas, condomínios, tudo mais, como está nas fotografias aqui embaixo, então isso leva lixo, inunda rua, inunda casas, traz um conjunto de prejuízos, né e nós temos aí uma dificuldade para resolver isso do ponto de vista estrutural e que só pode ser resolvido através de um empreendimento como este. Pode seguir. Então, nesse sentido, o grande objetivo desse empreendimento, desse projeto, minimizar os riscos de inundação da bacia do córrego do Tremembé. Como vocês já viram aqui pela exposição do Pedro Algodal, todo o esforço é de reduzir, ou seja, eliminar ao máximo, qualquer risco de enchente na região como um todo aqui. Isso é porque a gente gosta só da região? É porque alguém foi lá e bateu na porta simplesmente? Não. É porque também tem um atendimento às demandas sociais, ou seja, desde que sempre houve enchentes aqui, as pessoas sempre reclamaram, sempre exigiram do poder público, e isso a gente pode ver em jornais, revistas, periódicos, , enfim, num conjunto aí de biografias a gente vai buscar e vê que

historicamente a população aqui sempre se manifestou querendo que tivesse um resultado para essa questão das enchentes e também porque isso é para você minimizar prejuízos materiais das pessoas, um carro, um imóvel, é o comércio da pessoa, a questão da própria mobilidade, as vezes a pessoa quer ir para um lado e não consegue ir em dia de enchente, então é problema muito sério isso, e isso acaba influenciando em uma outra questão importante, que a região deixa de ganhar valor, dificilmente ela valoriza o seu imóvel, as pessoas dizem, ah, você mora lá não sei onde, lá em nem vou, tem gente que diz, na época de verão eu não vou de jeito nenhum, porque lá chove, pode dar enchente e eu saio de lá. Então, nesse sentido é que se tem que fazer uma obra como essa para tentar resolver esse problema crônico que tem aqui na região e em outras regiões também da cidade de São Paulo. Então como já foi falado aqui, rapidamente, já, são 5 reservatórios e um conjunto de obras ao longo de toda bacia do Tremembé e seus tributários principais onde vai ser feita a canalização e também a retificação em alguns pontos onde já existe a canalização, mas ela precisa ser modificada para poder dar conta de resolver essa questão. Passando rapidamente, o reservatório 2, só para contextualização, o Pedro Algodal já gastou muito tempo aqui. Podemos seguir Ana. O reservatório 3 também, o reservatório 4, o 5, o Pedro já falou tudo isso para vocês, então não vou ficar me atendo aqui, e o 6, né, não, são 5 reservatórios que vai ter aqui, né. Pode seguir, Ana. Os trechos de canalização, também pode passar, o trecho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e finaliza os trechos. Essa imagem aqui é só para a gente para poder situar, aqui só para mostrar para vocês essa imagem toda que tá dentro aqui desse polígono pintado é a bacia hidrográfica, ou seja, o que que é uma bacia hidrográfica, a gente vai ver já, já, ali

na frente, mas é um lugar onde todas as águas que caem da chuva correm para um lugar mais baixo, e aí, só para mostrar onde estão localizadas as principais estruturas, então o reservatório 2, o trecho de canalização, o reservatório 3, o reservatório 4, o trecho novo de canalização estão aí, o reservatório 5 e lá em cima, o reservatório 6, ou seja, são essas estruturas que foram pensadas no projeto para poder ajudar, para poder minimizar o problema da enchente aqui da região, chuva de recorrência de 25 anos, perdão, de 100 anos, obrigado. Bom, como a gente faz o estudo? A gente tem que trabalhar a partir de uma divisão territorial, então eu tenho que pegar aquela bacia hidrográfica, primeiro examinar o que é essa bacia, depois eu tenho que tratar de ter uma área de influência indireta, que é uma área grande onde eu vou estudar relações da economia da sociedade, da questão física, da questão biótica, dos bichos, das plantas para poder entender como é contexto de onde vai ser feito o trabalho, que é o que a gente chama de área de influência indireta. No caso do meio físico e do meio biótico, a gente usa bacia, porque nós estamos tratando com algo que está tratando essencialmente com a questão da água, com a dinâmica na superfície. E para a questão sócio econômica, nós trabalhamos um corte que é o político administrativo, que é o território da subprefeitura do Jaçanã/Tremembé. Aí temos a área de influência direta que é aquela que a gente vai ter um melhor direcionamento de como é que aquela obra pode ou não provocar impacto para as pessoas que estão próximas a ela, para a questão das árvores que precisam ser suprimidas, dos animais, a questão da própria erosão, assoreamento, essa questão toda. E a área diretamente afetada, que é aquela área onde, de fato, a obra vai acontecer, onde vai ter a incidência da obra, que é o canal, que é a área do reservatório

que vai ser construído. A grosso modo podemos mostrar para vocês aqui, agora, que eu tenho uma área de influência indireta, que é a bacia hidrográfica, que a gente está tratando aí todos os aspectos físicos e aspectos da natureza, os aspectos bióticos e a área de influência direta que essa faixa aí que a Ana está mostrando agora na setinha. O que é essa faixa aí, essa área? Está o canal 200 metros para um lado e 200 metros para o outro, a gente traçou um polígono para dizer, essa é a extensão aonde os principais impactos pode incidir, que é a área de influência direta, tá. E a área diretamente afetada, se você puder mostrar, é esse vermelho que são as áreas aonde você vai fazer de fato a obra, vai servir, você vai colocar a máquina, fazer a concretagem, vai colocar ali a tubulação, vai ter que fazer o reservatório, essa é a área diretamente afetada que é onde você tem maior incidência de que com a tua atividade você pode provocar maiores impactos, tanto positivos, como negativos. Pode seguir, Ana, por favor. E aqui mais uma vez, detalhe, eu tenho aqui a nossa esquerda, essa área maior que está no polígono, que é a área de influência indireta da sócio economia, que inclui inclusive uma parte do parque estadual da Cantareira e do Horto florestal, mas isso só foi objeto de estudo. Não tem nenhuma intervenção lá, perfeito? Pode seguir. Aqui só pra ilustrar, uma visão animada, uma imagem de satélite. Pode seguir, Ana. Aí aparecem, não sei se todo mundo consegue enxergar, que é a rede hidrográfica, tem os rios, e a gente precisa ter esse entendimento de como é a dinâmica hidrográfica da superfície, aí a bacia hidrográfica. Pode seguir, Ana. Aí as áreas e estruturas do projeto, que é os reservatórios, as áreas onde vai ser feita a canalização. Aí novamente delimitada a área diretamente afetada e área de influência direta. Aqui detalhe para gente ver o

relevo e detalhe das estruturas, pelo relevo a gente pode observar as áreas mais altas, elas tem uma encosta muito íngreme, muito acidentada, então choveu desce a água, né, a gente não tem como conter a água ali de cima. Por isso que viver aqui embaixo, na planície é complicado porque quando chove a gente precisa começar a subir tudo porque a água vai chegar também, né. Então por conta disso, por conta do próprio relevo da região. Pode seguir, Ana. Aí estão as estruturas e aqui a gente vai falar do diagnóstico. Então o diagnóstico, a gente tem um conjunto, um temário de informações que a gente tem que levantar para o nosso estudo. Geologia, geomorfologia, clima, tal, tal, eu não vou ficar fazendo muita descrição com relação a isso, mas dizer sim quais as questões centrais na área física. É o clima, a questão da precipitação e como é que funciona essa precipitação com relação ao tempo, como a chuva ocorre aqui e a gente sabe que, nessa região, como no sudeste brasileiro, as chuvas são torrenciais no verão, então quando chega o verão a gente sabe que vai ter desassossego, como diz o nordestino, porque vai ter água, nós vamos ter enchente, né. E as vezes uma chuva de extemporânea de inverno, dependendo qual é a quantidade dessa chuva, que em pouco tempo também, e como nós estamos numa área que a água desce muito rapidamente, também pode ter uma enchente. Então as vezes você pode ter um evento de duas, três, quatro, cinco vezes de enchentes na região por conta de chuvas tanto no verão, como num período mais de primavera, outono, que acaba ocasionando problema para todo mundo. Então para a gente, a questão central é a questão dos recursos hídricos e retenção das chuvas e o tempo que essa chuva ocorre e como ela ocorre dentro da bacia. Pode passar esse, Ana, esse tb. E uma coisa importante,

como não está fazendo intervenção no rio, nos riachos, ainda que a qualidade da água não seja a melhor, mas também é necessário fazer um levantamento daquelas áreas potencialmente contaminadas. Potencialmente porque, ou pode ter tido um posto de gasolina, uma oficina mecânica, ou coisas desse tipo, então é feito um levantamento prévio também para identificar porque se na hora que fizer o levantamento, a análise, se ocorrer lá a contaminação, tem que fazer o tratamento, junto com a obra vai ter que fazer o tratamento. Ai com a questão da flora, bom, nós estamos em uma área muito ocupada, muito arborizada, apesar de aqui ser um área favorável, que você tem o Horto Florestal, mas mesmo assim, aonde nós percorremos. Pode passar o próximo, Ana, nós encontramos poucas espécies, perdão, vamos falar da flora primeiro, né. Nós encontramos uma quantidade de árvores aqui na região, mas vejam, não são árvores que tem uma significância, uma relevância tão grande no aspecto de preservação ambiental. Porque elas ocorrem aonde não tem ocupação, aonde não tem construção, ou é um terreno mais baldio, ou é uma franja na beira do rio, que não tem ainda uma ocupação, não tem uma construção, é que elas ocorrem. Em toda hora que nós mapeamos aqui, são 225 hectares, nós só conseguimos encontrar 23 hectares com vegetação, não contínua, um pouco aqui, um pouco acolá, outro pouco mais lá, entendeu, ou seja, 10% de toda a área que nós mapeamos é que tinha algum tipo de vegetação. 153 árvores das quais elas se distribuem em 40 espécies sendo nenhuma delas ameaçada de extinção, e uma grande maioria delas são espécies exóticas, ou seja, coisas que não são da nossa flora original. Pode seguir, Ana. Na questão da área de preservação, nós temos o que, ocupação até dentro da beira rio como está aí nas imagens, então nós não

temos junto da beira dos córregos área de preservação que possa funcionar com uma função maior, com uma função de proteção ambiental. As áreas protegidas, como todo mundo aqui sabe, lógico, quem mora aqui, tem o Parque Estadual da Cantareira, o parque do Horto Florestal, 2 parques municipais, aqui próximos, que é do Lions Clube e Cemur. Pode seguir. E da fauna, que eu estava dizendo anteriormente, nós não temos muitos mamíferos significativos aqui na região porque é uma área que tem muita gente morando na região. Voltando aqui, foram avistadas apenas 4 espécies, foram avistadas, isso não quer dizer que elas fiquem fixas aqui na região, elas vão para o Horto, vão para a mata, próxima ao ponto, que é o macaco prego, como tem aqui embaixo, aqui nas fotos, o macaco guariba, capivara e esquilo mas que devido à proximidade como o parque, eles vem até a beira da estrada e depois eles voltam lá para dentro. Répteis, 7 espécies, apenas, né. Rã, cágado, cobra de vidro, cobra de duas cabeças, lagartixa e teiú. (moradora falando fora do microfone). Ela desce da serra junto. E uma coisa, importante, aves. Por que a gente vê muitas aves, porque elas tem asas, podem vir aqui pegar alimento e voltar. E uma coisa importante, a maior fauna que a gente encontrar aqui é a sinantrópica, o que seria fauna sinantrópica? É a barata, é o rato, é o pombo. Essa é a que a gente não quer do lado da gente é a que mais fica com a gente. Com relação a questão sócio econômica, nós levantamos todos esses itens, né, que vai de população, questão de desocupação de solo, patrimônio cultural, arqueologia. Pode seguir. E uma coisa importante é que essa região tem ainda a característica de ser uma ocupação bastante horizontalizada, ou seja, muita casa, mas tem uma alta quantidade de pessoas e de lugares que mora muita gente em um só imóvel, quanto mais perto

das áreas de enchente, maior a quantidade de pessoas morando por domicílio. Pode seguir. Uma outra coisa importante, a região do Tremembé, do distrito do Tremembé é um distrito que ainda está em fase de consolidação, ainda tá crescendo, porque são áreas teoricamente mais baratas do que outros lugares da cidade da zona norte, então as pessoas conseguem vir para cá e estão expandindo a ocupação ainda. Pode seguir. Então nesse sentido, pode passar, obrigado, a gente também vai dizer aqui dados de hidrografia, a questão de lixo, água e esgoto, captação de tratamento, tem as taxas que acompanham mais ou menos o município de São Paulo, ainda que, gente fazendo o registro dos córregos, você tem uma situação, que é lançamento in natura de esgoto, lixo deixado na rua, coisa do tipo. Pode seguir. E aqui com relação a uso e ocupação, principalmente na área que nós vamos fazer o projeto, é a área que você tem hoje consideradas assim os maiores usos não urbanos, que são prédios, perdão, terrenos que ainda não foram ocupados, área que está mais sujeita à inundação, nem todo mundo vai querer ir viver lá. Pode seguir. Aqui tem a tendência da ocupação também, é uma área já consolidada e a tendência agora é começar a fazer também que está surgindo também os prédios para verticalização. Pode seguir. Bem, aqui a análise dos impactos ambientais que é a coisa mais importante que a gente faz no estudo, depois de todos aquelas dado coletados e dados do projeto e aí nós analisamos todos esses atributos pra chegar numa condição que é significância do impacto. Porque veja, você pode ter um conjunto de impactos, um número muito grande, mas a coisa mais importante dos impactos são as suas significâncias. Pode passar, Ana. E aí nós vamos, a partir dessa significância, estabelecer um conjunto de ações e programas que é para, ou fazer controle, uma coisa que eu

consigo controlar, por exemplo, eu não vou deixar fazer a erosão quando eu estiver escavando, não vou deixar pedra escorrer para dentro do rio, então eu faço um controle desse, ou eu posso fazer uma ação de mitigação, eu tenho que, por exemplo, fazer uma intervenção no tráfego local, então eu vou tentar fazer isso da melhor forma possível, mitigando esse impacto, avisando todo mundo previamente, e tentando fazer isso da forma mais rápida possível pra que se reestabeleça novamente a ligação por ali onde está todo mundo acostumado a passar. Quando eu tenho uma ação que não consigo resolver, não consigo mitigar, não consigo controlar o impacto que eu vou provocar, não tenho como mitigar, eu tenho que compensar, por exemplo, eu vou suprir árvores daqui para poder fazer a canalização em alguns lugares, isso é contado e depois, através do licenciamento ambiental, a secretaria vai dizer, depois vocês vão ter que plantar tantas árvores no lugar dessas que vocês retiraram. Então, isso é compensação e a potencialização, o que vem a ser a potencialização. Eu estou fazendo aqui a canalização do córrego, mas eu vou aproveitar para colocar algumas áreas para as pessoas poderem circular, terem um pouquinho mais de área verde, pode ser que se aproveite um ou outro trecho para fazer um arruamento, melhorar as condições de tráfego ali daquele local, tudo isso ajuda a potencializar o lugar, o que que significa, vai trazer melhoria para aquela área, portanto, a própria valorização do imóvel pode ser maior ainda. Bom de todos os impactos analisados, o que a gente tem que ver é que nós temos impacto no planejamento, quando começaram a falar com vocês aqui na região, alguém ficou sabendo e um chegou para o outro e falou, “olha, parece que vai vir obra”, aí todo mundo começa a ficar ouriçado, mas será que vai desapropriar 300 casas, 600 casas, 5

casas, não teve isso? Teve, né. Bateu aquela ansiedade. Esse é o impacto na fase de planejamento, e a outra coisa é a discussão da desapropriação, que também causa um certo celeuma, porque ninguém veio conversar ainda, vai ter, não vai, como é que é isso, como é que, é ou não é? E na fase de implantação, aí você entra já fazendo toda discussão, no momento em que vocês vão começar a fazer a obra é que vocês vão ter uma discussão de quem vai ser impactado direto, como vai ser impactado, e aí na implantação nós temos um conjunto de impactos possíveis, como por exemplo, tem que cortar a vegetação, tem que fazer a desapropriação dos imóveis, alterar a paisagem do solo para que naquele lugar se possa fazer, exemplo, um reservatório, tudo isso eu tenho um conjunto de ações que tenho que fazer lá. Eu preciso fazer um conjunto de ações, então eu preciso tomar cuidado com isso, como é que eu vou provider, como é que eu vou fazer isso? Pode seguir. E na operação. Na operação principalmente os impactos eles são, na implantação, isso é importante dizer, na implantação os impactos são transitórios, eles ocorrem quando tem a obra, na operação os impactos são permanentes, enquanto existir o empreendimento o impacto vai existir, e principalmente qual é o impacto da operação com a existência da obra, é a melhoria das condições locais. Então eu vou ter uma melhoria significativa e a questão da valorização imobiliária e eu vou ter uma alteração na qualidade de água também, que é um impacto que pode ser para bom ou pior. Então, esse é o caso, é nesse sentido que a gente tem os impactos na fase de operação também. Pode seguir. Para tudo isso eu tenho 16 programas ambientais, e mais cinco subprogramas que está lá no EIA, está lá no RIMA e om o licenciamento da secretaria, o empreendedor, ou seja, a prefeitura, através de uma empreiteira,

através de uma construtora, vai ser obrigada a realizar, para mitigar, para compensar e potencializar os impactos, e para isso eu tenho um programa de gestão ambiental do empreendimento, onde eu tenho que planejar, eu tenho que executar, ao mesmo tempo que eu executo eu tenho um monitoramento e um acompanhamento para ver se minhas ações estão boas. Feito isso, eu concluo que estão ótimas e continuo a agir, se eu digo que tem alguma coisa para consertar, eu volto para o planejamento novamente, tá, uma ou outra aí que for necessária. Aqui tem o conjunto dos programas, então, o programa de controle ambiental da obra, ele vai tratar da qualidade do ar, de resíduos, na obra tem resíduos então tem que cuidar disso direitinho, tem afluentes líquidos, ou seja, o pessoal usa água, se limpa essas coisas. águas subterrâneas e principalmente, uma relação direta com os senhores que são aqui da região, que é a questão do tráfego, porque uma hora vai interromper uma via, outra hora vai ter que mudar a mão de uma ou outra, então isso tem que ter um programa permanente aí, um programa muito bem trabalhado. No meio físico, a gente vai ter programas de erosão, de assoreamento, né, fazer o controle níveis de ruído e vibração, então vai ter máquina, vai ter equipamento, então tem que fazer esse controle periódico, para saber se não incomoda, horário de funcionamento, essa questão toda. Pode seguir, Ana. No meio biótico, tem a questão da vegetação, da supressão, esse material venoso das árvores abatidas tem que ir para algum lugar, e ser usada economicamente, a dispersão e a proliferação da fauna sinantrópica, então tem que tomar cuidado, estar acompanhando, não vai ter enchente, mas na hora que você está fazendo a obra para sair rato para cá, rato para lá, barata para lá, então tem que ter um controle. Monitoramento da própria fauna,

da vegetação e, principalmente, caracterizar e monitorar entona fauna, que é aquela que pode trazer para a gente a dengue, e outro tipo de doença vetorial. No meio sócio econômico, tem a educação patrimonial, a partir de algum registro de alguma indicação de algum material arqueológico que tenha que ser resgatado e trabalhado aqui, o próprio programa de diagnóstico da arqueologia, de educação ambiental e treinamento ambiental para os trabalhadores também, comunicação social, porque também e importantíssimo a comunicação com as pessoas que estão aqui durante toda a fase da obra e o programa de desapropriação, que aqui nesse caso não tem nenhum programa de relocação populacional, entendeu, apenas os imóveis que vão ser atingidos, que de acordo com o Algodual, nós vamos tentar extremamente ter essa redução, vai ser objeto de desapropriação, tá. Enfim, nós temos aí um conjunto de impactos positivos e negativos para esse empreendimento, é um empreendimento que a sociedade, que a cidade de São Paulo, que o conjunto da sociedade brasileira conhece, já sabe já houveram outros lugares onde foram feitos esse tipo de empreendimento, ou seja, canalização e retificação de córrego, bem como a instalação e funcionamento de reservatórios para guardar a água no período de chuvas, para que se evite as enchentes e ele funciona bem, eu conheço bem o caso do Pacaembu, porque moro lá por perto, não moro no Pacaembu, mas eu tenho que atravessar por ali porque eu tenho que ir trabalhar e eu sei que antes eu passava por lá, os que tem os cabelinhos mais brancos assim como eu lembram, né, que todo verão tinha carro boiando ali, que passava por cima do viaduto Olímpio da Silveira, e que hoje, com as chuvas torrenciais, funciona bem, então não é algo inusitado e nem algo diferente daquilo que a gente já conhece,

então não estamos tratando aqui de uma questão desconhecida de todo mundo, né? Muito pelo contrário, é uma obra relativamente de alta capacidade de resolução de quem faz hoje e que tem benefício muito grande. Então assim, todos esses impactos podem ser mitigados, eles podem ser controlados, eles podem ser compensados e eles podem ser potencializados. Todos em partes nós analisamos, todos. Isso se eu fizer as aplicação correta de todas as medidas propostas, tanto de planos, programas e ações. Isso vai permitir, a diminuição das enchentes ou inundações, vai sim possibilitar a valorização da região e a valorização imobiliária de muitos imóveis que está hoje em áreas sujeitas à inundação, pode trazer uma melhoria significativa para a paisagem urbana dessa região, melhorar mobilidade urbana e até mesmo a possibilidade de áreas de lazer para disponibilizar para a sociedade que aqui vive. Nesse sentido nossa equipe conclui o estudo dizendo; “Nós entendemos que diante da avaliação que nós fizemos, o estudo que nós fizemos, o diagnóstico, a avaliação de impactos, a proposição de programas e medidas, e todo balanço final desse empreendimento, nós chegamos à conclusão de que sim, esse é um empreendimento que tem viabilidade técnica, viabilidade ambiental e tem também, viabilidade social. Era isso que eu queria dizer, obrigado.

Sra. Júlia: Obrigada, França, mais uma vez. Conforme a gente combinou no início dessa reunião, as inscrições estão encerradas mas antes de chamarmos os inscritos, gostaríamos de registrar e agradecer a presença do senhor Alex Marchioratto, coordenador do conselho participativo Jaçanã/Tremembé, do senhor Marcos Cesari, da controladoria do município, da Sra. Jaqueline França,

representando a deputada, Clélia Gomes, e a sra. Cláudia Gomes que também está representando o vereador, Laércio Bento. Eu chamo por favor, nesse momento, o vereador Aníbal de Freitas Filho, para vir fazer suas considerações.

Vereador Aníbal de Freitas Filho: Bom, quero cumprimentar a todos, ao nosso subprefeito, ao meu colega Pedro Algodal, a todos os membros da mesa. Fiquei muito animado, muito feliz pela explanação, uma apresentação maravilhosa, tanto do Pedro quanto do França, mas eu acho que foi bastante produtiva, eficiente, mas nós temos um outro problema. Para quem não me conhece, eu sou aqui da região, nasci no Jaçanã, são 30 anos de prefeitura e 30 anos convivendo com o problema córrego Tremembé. Já fui subprefeito aqui na região, já sofri o que o prefeito está sofrendo hoje, eu um pouquinho mais, porque fiquei mais tempo aqui e nós não conseguimos imaginar porque nós ainda não concluímos o córrego Tremembé. Para quem ainda não sabe, são um pouquinho mais novos, na época do Jânio Quadros, essa obra já tinha sido aprovada, já tinha dinheiro e ia ser executada. Infelizmente alguns moradores aqui da região foram aos Estados Unidos, no banco mundial, breicar essa obra, imagina a coisa. E infelizmente hoje, nós estamos sofrendo, todos os moradores da região da bacia do Tremembé sofrem com essas enchentes. Paciência, vamos orçar tudo de novo, vamos conquistar hoje de uma maneira mais difícil, mais complicada porque hoje nós temos que ter EIA/RIMA, nós temos que ter isso, aquilo e infelizmente isso demanda um tempo violento. Um tempo que ninguém mais suporta, que ninguém mais quer ficar esperando isso ou aquilo, a obra do Tremembé, ela já começou, ele tem em torno de 8 km. Ela já tem praticamente 2 km

já executados, ela começou lá na foz, lá no Jardim Cabuçu e está vindo quase até ali o Jardim Guapira, ali já está até pronto, foi atpe na minha época, que eu fui subprefeito, mas depois parou. Continuou o mesmo governo, veio outro, veio o outro e agora tá. Felizmente para nós agora, essa atual administração está querendo pegar o breu e retomar a obra no Tremembé, é muito importante para nós. Mas o que preocupa hoje e eu vim aqui pra que, nós estamos fazendo uma audiência pública, uma porque é obrigatório é por lei e nós temos que fazer isso daqui. Os nosso engenheiros de SIURB e as empresas contratadas, também tem que apresentar o licenciamento ambiental, mas uma coisa que eu queria saber e que todos queriam saber. É o que? Quando vamos começar a obra, quando nós vamos ter esse licenciamento. Esse trabalho é bonito, empolgante, eu trouxe até meu chefe de gabinete que também é formado em licenciamento ambiental. Eu sei que os manuais que foram cedidos são 900 folhas, eu pedi para ele estudar, minuciosamente, até ouvi a apresentação, estava até bem por dentro disso por que isso me preocupa bastante, mas uma coisa que eu preciso saber, quando é que nós vamos ter esse licenciamento aprovado. Eu tive com o Roberto Garibe, um secretário incrível, junto com o Pedro Algodoal, e até me falaram, Aníbal, está dependendo do licenciamento ambiental, certo Pedro. E aí nós poderíamos fazer o que? Um reservatório. Um reservatório. Então, a minha pergunta seria o que. Primeiro, quando se termina esse licenciamento, quando que é aprovado esse licenciamento, se aprova é a prefeitura que aprova. Segundo, quando nós vamos começar a obra? Quando nós vamos começar a obrar? Terceiro, temos recursos para tudo isso ou só pra 1 reservatório? Temos recurso para isso, ou não? Se tivermos e for

da Caixa Econômica, eu acho que deve ter, não pode se começar uma obra sem dinheiro, a menos que fosse uma obra de emergência. Então são estes meus questionamentos, e acho que isso é a vontade de todos, é um anseio, é uma obra eu há mais de 30 ou 40 anos, o povo está esperando. Agradeço a paciência de todos e eu queria essa respostas não só para mim, mas para um outro pessoal que não pôde vir. Obrigado.

Sra. Júlia: Bom, vamos chamar o nosso primeiro inscrito, é o representante dos amigos do Parque Edu Chaves, o Sr. Nelson Ferreira Filho e na sequência, o conselheiro de saúde, Sr. Michelângelo.

Sr. Nelson Ferreira Filho: Primeiro boa noite a todos, na pessoa de várias autoridades da mesa, mas eu acho que a pessoa que vem fazendo esse trabalho na nossa região, então eu gostaria em nome dele saudar todas as autoridades presentes e ao subprefeito Niwton Gilberto por estar abrindo as portas para que a gente possa reivindicar, para mim uma das subprefeituras que escolheu o local correto, que é um dos locais com a melhor infraestrutura que a gente tem em nossa região e está transformando aquela região que está precisando muito. Alguns nos meus questionamentos, acabaram sendo respondidos durante a apresentação aí, só que uma coisa que está me chamando a atenção, é aquilo que é a causa e motivo de vários presentes aqui. São as desapropriações. No quadro mostrado a princípio ali, estaria mais ou menos em torno de 253 desapropriações, sendo que na apresentação esse número já foi mencionado, né, ao desenrolar do tempo este número vem sendo reduzido hoje girando em torno de 152. Minha pergunta:

quando teremos um número concreto de fato, das famílias que vão ser desapropriadas, para acabar com a apreensão e a angústia dessas pessoas que estão morando nessas áreas e não sabem ao certo até hoje quando elas vão sair, quando vai começar um cadastramento, um contato de fato com essas famílias para que elas possam ser comunicadas e possam tomar ciência do que vai ocorrer com essas famílias no local de desapropriação? E meu outro questionamento, o vereador também já mencionou parte disso, é a questão financeira, execução da obra, porque nos últimos tempos nós estamos participando de várias audiências, até em outros fóruns, que são maravilhosos projetos, mas a gente vai pra casa e com o desenrolar do tempo dá a impressão que a gente está vivendo num país de Alice, e na execução desse projeto, a mesma dinâmica, o mesmo empenho que tem na elaboração do projeto, para vocês terminarem o projeto, e infelizmente, por questão burocrática, por questão de leis, questões financeiras, muitas vezes até vontade política, execução desses projetos não tem a mesma agilidade. Então eu gostaria de saber como é que está a questão financeira, como é que está a saúde desse projeto. O dinheiro como é que vai ser? Liberando a licença ambiental, o dinheiro já está aí para fazer? Me causou muita preocupação meses atrás quando foi condicionado alguns cortes do valor da verba federal para vários empreendimentos. O valor para execução da obra, é uma verba do governo federal, então isso aí está preocupando um monte de gente aqui. No montante, é um valor muito grande que o governo está diminuindo para a execução de algumas obras. Principalmente sobre o Impacto ambiental, que foi muito bem apresentada pelo nosso colega, nós estamos tendo um outra obra em nossa região que está causando um dos maiores impactos, não só da nossa

região, mas creio que da cidade de São Paulo, que é o Rodoanel. E dali vai existir, creio eu, aproveitar a presença do secretário do verde aqui, para ter um valor de compensação ambiental também, eles vão ter que destinar para a nossa região, para fazer um apelo aqui ao secretário e autoridades presentes, essa verba tem que ser aplicada, tem que ser destinada e tem que ser usada na nossa região, que essa verba não saia da nossa região. Até se tiver que usar meios legais, jurídicos, não sei se é permitido, até para auxiliar nessa obra do Tremembé. Então eu gostaria que depois o senhor esclarecesse para a gente, qual é o valor dessa compensação, porque o impacto é muito grande. Seria basicamente só isso. Muito obrigado a todos.

Sr. Pedro Luiz de Castro Algodoal: Bom, com relação ao recurso a SIURB vem tratando com a Caixa Econômica Federal há mais de um ano, e o projeto já está aprovado pela Caixa e o orçamento da obra, inclusive, já está aprovado pela Caixa, então, toda a sinalização que nós temos, da Caixa e do governo federal, do Ministério das Cidades, é que os recursos para essa obra estão garantidos, então nós não temos essa preocupação de falta de recursos. Evidente sou técnico, não e a minha área essa área de obtenção de financiamento, eu dou apoio técnico só, mas a sinalização que a gente recebeu até agora é que a obra está realmente na programação e com recursos garantidos. A gente realmente também foi perguntado quando começa a obra. A gente está naquelas tratativas todas, nessas três frentes, o financiamento está bastante adiantado, licenciamento ambiental a gente está aqui cumprindo uma etapa, talvez o pessoal da secretaria do verde possa até dar uma previsão de quando pode sair essa licença e a

parte da desapropriação, agora, a gente tem a possibilidade de abrir algumas frentes de obra, nos locais onde não será necessária desapropriação. Então isso já está estudado, já tem um cronograma pra iniciar essa obra ainda esse ano, não toda ela, todos os reservatórios, todas as canalizações, mas as frentes de obra mas as que se mostrarem viáveis nessa avaliação que a secretaria fez.

Sr. José Tadeu Candelária: Bom, primeiro só agradecer ao vereador Aníbal, que fez sua colocação muito importante, e que é uma obra de 20 anos, isso significa que passou todo esse tempo e nada aconteceu. Bom, eu acho que nesse primeiro momento, a gente deve bater palmas para o prefeito Fernando Haddad que se dispôs e está empenhado na realização dessas obras, e eu quero dizer também, vereador, que nós fizemos um acordo com o SIURB, com o nosso secretário Garibe, que está empenhado também por determinação do prefeito Fernando Haddad, que todas essas obras, nós não temos só essa obra, nós temos um elenco lá de cerca de 30 obras que estão sendo licenciadas e que o prefeito pediu que fizesse em caráter de urgência, mas tem que seguir um rito processual, isso é a legislação exige isso, então nós temos esse prazo, deve ser em torno de 90 dias mais ou menos, pois ainda vai para uma câmara técnica, tudo isso legislação e tem que se cumprir esse tiro todo, 90 dias, decorridos, por que isso ainda vai para uma câmara técnica, depois é feito um relatório, é feita uma apresentação, tudo isso, exigência da legislação, e tem que se cumprir esse rito todo, então nós acreditamos que dentro de 90 dias. Todos esses prazos estão acordados com o secretário, Garibe, e com o prefeito. Então, essas obras são todas previstas para serem licenciadas nesse ano, esse exercício. A ideia do

prefeito é que a partir de outubro ele tenha os recursos alocados, esse aporte financeiro, para que essas obras possam iniciar. Isso, é lógico, a gente não pode enganar ninguém, tem uma demanda também do governo federal em relação a isso. O que o prefeito quer? Ele quer ter todos os projetos que ele elencou e que são importantes para a cidade de São Paulo, que vai mudar a cidade de São Paulo e principalmente na área da periferia, ele quer isso até final de outubro, isso ele já determinou, é uma ordem dele e nós estamos cumprindo esse prazo dele. Nós fizemos um relatório técnico, gerencial, junto com o pessoal do SIURB, junto com os CEUS também para quem a gente possa fazer o licenciamento de todas essas obras até final de outubro, novembro, cumprindo o prazo legal. E como foi dito já pelo companheiro aqui, os recursos já estão provisionados, e se ele não tiver aprovação e todos esse projeto já fechado, não adianta o recurso estar aqui que não vai iniciar a obra. Então nós estamos cumprindo todas essas etapas com bastante determinação, e afinco, porque é um objetivo de governo que isso aconteça. Então é isso que eu queria dizer para o senhor todos nós estamos empenhados nisso, todos nós, sem exceção, todos os secretários estão envolvidos nesse projeto, para nós é prioridade 0 a aprovação desse projeto, deixar o projeto para ele licenciado para que ele possa ter esses recursos do governo federal, isso é uma condição sine qua non, é uma condição exigida pela Caixa Econômica e pelos órgãos técnicos do governo federal, então é nesse sentido que nós todos estamos trabalhando e empenhados que isso seja resolvido no menor prazo possível, obedecendo a legislação, para que a gente não tenha problema mais tarde, obrigado.

Sra Júlia: Obrigado secretário.

Sr. Niwton Gilberto de Jesus: Boa noite, respondendo a questão do Nelson, Nelsinho, colega nosso já, eu só tenho a dizer o seguinte, depois de 40 anos, como uma senhora também me disse, eu já ouvi 50 ou até mais, eu não sei, eu só tenho 50 por enquanto. Aí o que acontece, é um problema que toda a população já sofreu por aqui, eu acho que a maior parte é morador da região e já sabe, isso afeta diretamente a toda e qualquer governo e o que eu posso dizer é que é a primeira tentativa física, concreta, nesse tempo todo, então temos que dar um mérito para isso. Como sempre, algumas notícias nunca são boas, mas o resultado final sempre é efetivo, sempre é bom. Então vamos lá, depois de sei lá, 50, 60, 40 anos, não sei, diminuir o impacto disso eu acho que já é um ganho monumental, uma obra que está estimado em quanto o valor final, estimado, mais ou menos? R\$ 136 milhões, sem desapropriação chega quase a R\$ 300 milhões, tá. Esse valor de desapropriação ele vai ser alocado pela própria prefeitura, e todo mundo sabe que a prefeitura fala que nunca tem dinheiro, e dessa vez já estão dispostos a concretizar obra. Então, a partir do dia 10/08, isso já é um compromisso pessoa, minha palavra vale mais do que um contrato, vai começar a ser divulgado a lista desses 152 imóveis que poderão haver intervenções, tanto parcial como total que se comentou em torno de 10% do total. O pessoal o projeto que eu até já conheci, está empenhado em diminuir esse impacto, então vamos dizer, de 152 pode passar para 140, pode passar para menos e durante esse tempo todo, a obra vai correr no local onde não há desapropriação e vocês viram pelos slides passados que são várias obras, vários piscinões, em locais onde não precisa

haver a intervenção imediata, mesmo assim, a partir de 10 agosto quem quiser saber com certeza, se o imóvel está dentro desses 152 nós já poderemos ter alguma informação para vocês. Eu vou deixar alguém disponível lá na subprefeitura só para isso. Combinado assim, obrigado, boa noite.

Sra. Júlia: Bom, dando continuidade nós vamos chamar o Sr. Michelângelo e em seguida, a Sra. Edviges Maria, representado o Conjunto dos Fidalgos. A gente vai pedir só que seja feito um bloco, duas pessoas fazem as perguntas e depois a mesa responde para o bloco.

Michelangelo: Meu nome é Michelângelo, sou morador do Tremembé, moro na Rua Fernando Camargo, sou consulto de saúde de uma região do Jaçanã. A respeito desse projeto de minha parte digo que é lamentável que para chegar a esse projeto foi preciso ter vários alagamentos antes pra conseguir um resultado. Por outro lado posso parabenizar pela intenção do futuro projeto que foi espremido com uma teoria maravilhosa, esperamos que vai concretizar na prática agora. Preciso dizer que ouvindo vão ser feitas várias galerias, como conselheiro de saúde, preciso alertar uma coisa, precisa fazer um plano de prevenção para evitar proliferação de ratos, porque no caso de chuva não tem problema, mas no caso de seca ainda ser uma infestação de ratos na galeria, garantido. É preciso também fazer um plano, criar uma política de fiscalização que nunca foi feita, nunca, política no sentido de fiscalização que o público se sensibilize, é hora de parar de jogar lixo no córrego, colchão, travesseiro, borracha, pneus. Agora, não precisaria que a prefeitura fiscalizasse, mas no caso tem muita gente que não liga para a saúde que é o benefício de todo mundo,

então precisa criar uma política fiscal muito séria, aí evita muito trabalho também nos córregos, com multa pesada, não é pra penalizar é só para que o povo aprenda a cumprir seu dever cívico. Como se um vai dirigir um carro sem carteira, o que acontece, acidente, tal, porque a polícia dá a multa, porque não podemos dirigir o carro simplesmente, então também não podemos continuar jogando lixo nos córregos, na rua. Então precisa fazer política fiscal, séria, com multa pesada. Agora espero que essa galeria seja coberta para recuperar o impacto ambiental, ok? Obrigado.

Sra. Júlia: Sra. Edviges, por favor, lembrando que cada inscrito tem cinco minutos para fazer as suas considerações.

Sra. Edviges: Boa noite, eu posso fazer pergunta dirigida? Quanto é eficaz, o piscinão? Me falaram que dá um mau cheiro muito forte e como nós temos o problema com a limpeza do capim na beira dos rios, essa limpeza do piscinão vai ser feita em tempo hábil, ou tem que correr lá na subprefeitura todas vez. E que época seria escolhida pra fazer esse piscinão, porque em janeiro, por exemplo, é época de enchente, violenta. Outra coisa, nós tivemos uma reunião aqui há 3 anos e nós saímos daqui na maior felicidade, porque o dinheiro do PAC já estava com o governo, estava tudo certo. Será que essa vai ser uma outra reprise? Outra coisa, nós temos um rio lá, que passa debaixo da Di Cicco, as casas formam beirada, eu não estou preocupada com desapropriação porque minha casa é na outra rua, mas lá na frente no rio tem um estacionamento e esse estacionamento era para ser cortado para ter a confluência do rio e não o que está acontecendo, a convergência, porque o rio do Tremembé, ele é muito mais forte, e

o nosso riozinho lá, ele é fininho, então o rio passa e vai segurando as nossas águas, então eu queria saber essas respostas. Obrigada.

Sr. Niwton: Vamos lá, sobre galerias quem vai falar vai ser o Pedro, mas deixa eu adiantar uma coisa sobre isso, e vou até ajudar o meu amigo na resposta seguinte. A Sabesp está e executando obras em toda a região e você já deve ter percebido por haver tantos buracos por aí. O que são essas obras? Essas obras são todas instalações de coletores tronco, ou seja, todo esgoto vai convergir para esse coletor tronco e assim por diante até chegar estação de tratamento que fica ali no Parque Novo Mundo. As galerias atuais estão recebendo inclusive esgoto, tudo mundo já sabe, eles passarão a ser apenas para água pluvial, ou seja, o volume de água que vai ser captada ali vai ser praticamente zero. A limpeza disso vai se tornar muito mais prática, muito mais fácil, então, proliferação de ratos nas galerias, pode acontecer, isso eu sei, porque rato existe em qualquer lugar do mundo e todo mundo sabe disso. Mas, com relação a isso, o SUVS, que é justamente a responsável por cessar isso por diminuir essa ação, eles estão bem empenhados, agora não momento em que não houver esgoto, concorda comigo que diminui e muito a fonte de alimentação deles dentro de galerias e a partir daí já quase sana o negócio, o senhor concorda comigo. Diminui, não estou falando que acaba, mas diminui. Aí eu acho que estou dando uma resposta até sobre a Sabesp, vocês devem ter percebido sim, todos os moradores do Tremembé e do Jaçanã já reclamaram sobre buraco e se vocês observarem bem a maior parte desses buracos são decorrentes dessas obras, eles estão usando um método não destrutivo, abre

um furo aqui, outro ali. Agora eu vou dar a palavra para o Pedro que ele vai falar sobre quais as área de galeria, tá?

Sr. Pedro Luiz Algodoal: Bom, em primeiro lugar, a pergunta do senhor Michelangelo, sobre o problema de rato, de lixo, o que eu posso dizer é que com a implantação dessa obra, a gente vai propiciar uma facilidade na manutenção desses córregos, da área junto ao córrego. Hoje você tem trechos do córrego não canalizados, tem trechos com acesso que passa no fundo dos lotes, que a gente não tem acesso, e o mato e a sujeira que acumulam n o lote, formam os esconderijos que os ratos precisam que as baratas precisam para se esconder. A nossa obra pretende fazer um revestimento do canal, ela vai ter o concreto, onde é uma superfície que não oferece esse refúgio para os ratos e para as baratas e outros insetos. Então, vocês podem esperar que isso diminua naturalmente com a implantação da obra. É evidente que isso não exime duas alções, que é a manutenção da prefeitura e a conscientização da população que deve evitar jogar lixo no córrego. E foi muito bem lembrado também, que a nossa obra propicia o saneamento do vale, hoje, até na apresentação do França, ele mostrou vários lançamentos de esgoto no córrego diretamente, Com uma obra de canalização você intercepta essas canalizações. A gente tem uma interlocução com a Sabesp para justamente interligar as duas obras, fazer uma obra associada, tanto da canalização quanto do saneamento e a coleta esgoto, então quando você passa a fazer essa canalização, você intercepta e coloca uma linha de esgoto que vai direcionar o esgoto para a estação de tratamento e não córrego, então vocês podem ter essa expectativa de melhoria na qualidade, limpeza mesmo, no saneamento da

bacia, tanto em relação aos insetos quanto em relação ao próprio lixo e a contaminação da água. Foi perguntado também se os piscinões vão propiciar uma sujeira, um mau cheiro. Realmente a gente sabe que existe esse conceito disseminado em vários lugares, mas não é o que se observa na realidade. Se vocês virem na Praça Charles Miller, onde tem o piscinão do Pacaembu, ali, em cima do piscinão, se desenvolve uma das feiras mais chiques da cidade, quer dizer, uma feira que vende alimento, ela não teria sucesso se o ambiente fosse insalubre, vocês concordam. Então só a existência da feira mais nobre de São Paulo é em cima de um piscinão, isso demonstra que a região do piscinão não é insalubre, é uma região saneada. Vocês podem ter essa expectativa que não é. Existem outros piscinões que foram construídos relativamente próximos daqui, que hoje preservam a Avenida Inajar de Souza, a gente tem o piscinão do Bananal e do Guaraú. Hoje a gente praticamente não tem a ocorrência de alagamentos na Inajar de Souza, como acontecia tradicionalmente, na Inajar, por conta desses 2 piscinões, então sobre a questão da eficiência, essa nossa proposta de executar os piscinões, não é uma invenção e nem um experiência que a gente está fazendo. Não, é uma solução de engenharia comprovada com vários exemplos de sucesso, então vocês podem estar seguros que a SIURB está adotando a melhor tecnologia disponível para atender, fazer o controle de cheias dessa bacia, então eu queria garantir isso pra vocês e que realmente a gente está trazendo o que há de melhor aqui pra solucionar esse problema já crônico na cidade. Outra coisa que eu sei que existe uma dúvida, se realmente vai executar a obra e quando vai executar, eu quero dizer uma coisa, realmente não vão ser feitas todas as obras ao mesmo tempo, mas cada reservatório desse que

for concluído, ele já vai trazer um benefício para aquela região, especialmente, aquela região logo após o reservatório, então é um benefício que vai se somando, cada reservatório que a gente fizer, vocês vão obter um benefício. A gente está com um conjunto de reservatórios sendo feito na zona sul, ali próximo do Shopping do Morumbi, passa o córrego do Cordeiro, que vem desde a Cupecê. Lá é um conjunto de 6 reservatórios, e tem 2 em construção. Mesmo ele estando em construção, a gente tem depoimento de moradores que a própria escavação do local onde vai ser o reservatório, já está retendo as águas e já evitou as cheias do último período chuvoso, então, mesmo estando em obras a gente já tem a satisfação da população, no caso da população no bairro próximo da Cupecê, no caso dessa obra, que está sendo feita pela SIURB também.

Sra. Júlia: Por gentileza, a gente pede que você espere até o final, que talvez você seja contemplado nas próximas respostas.

Sr. Antônio Carlos França: Tudo bem? A dona Edviges onde ela tá? Então, tem uma questão que basicamente os que me antecederam, já pontuaram algumas coisas. Primeiro, pela própria forma do canal, pela condição que este canal vai ter, ou seja, tecnicamente. Canal vai ter, tecnicamente existe solução, principalmente essa questão do mau cheiro. O mau cheiro, interessante, a gente estava vindo para cá e a gente se perdeu. A gente ficou rodando pra lá e para cá, o Waze mandou a gente para o lugar errado, e nós fomos para numa EMEI mais para cima aí, e a gente quando passou e voltou, numa proximidade ao canal, ele de fato exala um cheiro muito ruim, e é óbvio que era isso que o Pedro

estava falando, porque existem trechos do rio que você não consegue entrar, até pela ocupação hoje das casas, quando nós tivemos aqui fazendo levantamento tinha lugares em que a gente tinha dificuldade de chegar a beira rio porque é totalmente tomado dos dois lados, aí você tem uma dificuldade para chegar, imagina chegar e entrar para fazer a limpeza. Então tem essa questão, daí, somando com a questão do Michelângelo, essa questão da fiscalização, então, primeiro assim, vamos separar algumas coisas. Existem questões técnicas, quer dizer, feito o canal, você pode fazer manutenção, isso é uma condição que tem que ser feita, logicamente você faz no período de chuva, mas também tem que fazer no período de seca. Existe um combate que é feito pela própria prefeitura por órgãos do Estado também relacionados à saúde, que é o combate à endemias, então se trabalha a questão de ratos, de mosquitos, pernilongos e coisas do tipo, então isso já vem sendo feito e pode ser acrescido, pode ser melhorado. Mas tem uma questão fundamental que não é exclusivamente por parte de uma solução técnica, que aí entra o aspecto que vocês mesmos abordaram que é uma questão de cidadania. Eu posso ter a rede de esgoto na porta de minha casa e eu não ligar, ter ligação clandestina. Todo esgoto que eu joga, toda água servida, de cozinha por exemplo, e ela leva alimento, e ela vai propiciar o rato, a barata, ou seja, é fundamental também num outro aspecto, não é só a questão técnica é questão de cidadania, então tem todo um trabalho a ser feito no período da obra e depois tem que ter uma continuidade, que é um processo de campanha educativa, que é um processo de buscar e trazer as pessoas para as sensibilizar para que elas passem a fazer de forma mais correta, se incorporem em ações mais corretas, mas ainda assim não depende só do poder

público ou das empresas que tiver prestando serviços, depende também do cidadão. Sociedades de amigos de bairros, nas escolas e todas as atividades comunitárias, como igrejas, tudo, tem que ser fomentado e trabalhado muito nessa questão. A gente vê concretamente, tem lugar que passou o caminhão do lixo passou recolhendo lixo, e 10 minutos depois alguém lembrou que tinha que colocar o lixo para fora na rua, foi e colocou. A gente viu em seguida, cachorros pendurados rasgando os sacos, entendeu. É óbvio que se o cachorro foi lá xeretar para ver o que tem para comer, o ratinho também tem a mesma intenção, ele vai lá buscar o alimento, quer dizer, são situações onde você encontra em córregos, cama, sofá, a pessoa não tem o que fazer com o sofá velho, o marido ainda não jogou dentro do rio, mas o sofá jogam, né? Fogão, geladeira. Veja, existe serviço que faz esse recolhimento, mas as pessoas as vezes preferem fazer o mais fácil, então tem que ter também uma atuação conjunta. Na época de obra, essa fiscalização, esse acompanhamento, ele é mais presente, depois que está tudo instalado, é necessário ter sim um trabalho do poder público, mas é essencial também que sociedade participe assiduamente no processo, porque senão não resolve. A gente está cheio de legislação, tem legislações aí que são maravilhosas e tal, dizem que a nossa legislação ambiental é melhor do mundo, dizem, bom, sem bem que aqui é o único lugar que tem APPs, Reserva Legal, só aqui, em outro país não tem, mas existe, e pra cumprir é uma briga, né? Tem lei, legislação legal, bacana, agora o povinho é danado, né, tá bom?

Sra. Júlia: Bom, nós vamos encerrar este bloco, dos representantes das entidades da região, com a Dona Lenita

Nascimento, que faz parte da comissão do Tremembé, e com Marcos Tavares, da associação de moradores do Tremembé e Vila Albertina, lembrando que são cinco minutos o máximo das considerações.

Dona Lenita Nascimento: Eu gostaria de saber, o Tremembé está completamente abandonado, eu moro atrás do banco, o mato está até em cima e isso porque é atrás do banco. Outra coisa, porque a prefeitura não esquece de mandar o IPTU, o prefeito não esquece. Eu pago R\$ 300,00 por mês, ou seja, são R\$ 3 mil por ano, sentido o cheiro do rio e ainda, além do mais, o mato até em cima. Nem a rua, tem um pé de goiaba lá, daqui a pouco derruba goiaba na rua, porque dá enchente, a areia fica na calçada e o mato está lá, então, o Jaçanã eu estou vendo muita benfeitoria, agora o Tremembé está completamente abandonado.

Sr. Marcos Tavares: Boa noite a todos, pra quem não me meu nome é Marcos Tavares, eu pertenço a associação dos moradores do Tremembé e da Vila Albertina, no caso, senhor secretário, é com muito prazer que estamos nos conhecendo agora pessoalmente, só para vocês terem uma ideia, nós já encampamos essa situação toda quando eu vim morar aqui no bairro. Eu estou aqui há 5 anos no caso, e se fala, todo mundo, aqui no Tremembé, na Vila Albertina também, em outros bairros lá para a frente também, próximos a Fernão Dias, com essa situação, com essa convivência maldita com inundações. Eu me lembro que o Dr. Miranda foi nos socorrer pessoalmente e eu até parabenizo de antemão e a viva voz todo o trabalho que a subprefeitura já sanou e que já tem feito, desde a gestão passada no caso. O vereador veio nos ajudar

sempre, esticando um braço, mão, perna e alma com a equipe toda para nos ajudar nessa situação. Senhor secretário, é o seguinte, já é a terceira reunião que nós estamos tendo aqui de audiência pública, ok? Tivemos tudo gravado, os moradores em peso, fizemos abaixo assinado, eu bati de porta em porta com os moradores no caso, colhendo assinatura e protocolando na subprefeitura, no caso. A nossa preocupação, como a de todos os moradores no caso é, até os senhor me perdoem no caso, pelo meu prolongamento, no caso, eu queria não poder estar me pronunciando no caso, mas me sinto obrigado em nome de vários moradores no caso, porque cada momento aparece coisa diferente, evidentemente que todos nós sabemos que é projeto gigantesco. Eu estive com o sr. Pedro Algodal lá na SIURB, no caso, quando fui pegar a publicação que saiu no diário oficial, dessa obra nossa, que até então todo mundo achava que fosse utopia, que ninguém acreditava que iria sair isso aí, no caso. Por que? Vários prejuízos, no caso, teve até óbito, no caso por causa do problema de inundação também, então, o que acontece? Todo mundo quer saber se os senhores, senhor secretário, o Niwton, Pedro Algodal principalmente, se vocês poderiam nos passar uma data precisa. Por que isso, na última audiência pública que nós estivemos no caso, e a SIURB, no caso, foi nos passado que este ano, no caso, no primeiro semestre, provavelmente já seria iniciada as obras de contenção das enchentes, no caso. Nós estamos ouvindo agora dos senhores aqui no caso, que vai ser daqui 90 dias, ok, tudo certo, Antônio França expondo maravilhosamente o projeto todo de impacto ambiental, que vai ser só resultado daqui a 90 dias, alguma coisa assim. Nos queríamos saber uma data precisa, por que isso, e eu gostaria de colocar também, muito evidente aqui no caso, que a associação de

moradores nunca tivemos ajuda de ninguém, ninguém veio nos auxiliar, se não fosse a subprefeitura aqui, na pessoa do Dr. Miranda e do Conte Lopes, impressionante vereador e ninguém mais. Procuramos ajuda de um monte de gente pra fazer e ninguém nunca veio nos ajudar aqui, inclusive eu fico muito invocado, os moradores todinhos ficam invocados também, porque, inclusive, foram prometidas em gestões passadas, que não precisa, ser antiético, que iriam fazer um monte de coisas e ninguém fez nada e enganou a população e a população ficou revoltada. Eu quando batia de porta em porta para colher assinatura, com documentação precisa, RG, CPF e tudo, o pessoal desacreditando, ficamos ouvindo poucas e boas, graças a Deus, e estamos no terceiro ciclo de palestra pública, ok que é uma coisa gigantesca, todo mundo sabe disso, só que nós queremos saber o seguinte, uma data precisa, quando que começa isso daí, porque seria esse ano, agora 2016, a política vocês sabem são funcionários de carreira, não preciso explicar isso, sabe que tem a dança das cadeiras, no caso, e de repente numa dessas aí pode engavetar esse processo aí mais uma vez, e nós ficamos dando cabeçada. Eu, principalmente já fui várias vezes, encontrei com o Dr. Algodal na hora do almoço, na SIURB, no caso, e para chegar lá é difícil, para se ter uma audiência, para se conversar, para trocar uma ideia. Aqui todo mundo se conversa e tal, eu desafio qualquer um de vocês que estão aqui no caso, que vá pessoalmente lá para tentar marcar uma reunião com eles, é difícil, não se consegue. A secretária pergunta o que você quer fazer, etc e tal e você não consegue. O negócio é extremamente burocrático então a gente tem que aproveitar agora para saber, e os senhores me perdoem no caso, a repetição no caso, se vocês tem uma data precisa disso aí, porque o que está se

falando não é uma questão de tempo, ou seja lá o que for, nós estamos falando aqui de uma situação de mais de 50, 60, de quase 70 anos ou alguma coisa assim. Obrigado, só isso aí.

Sr. Pedro Luiz de Castro Algodoal: Bom, sobre a data eu gostaria realmente de falar, não, vai começar primeiro de novembro, mas gente tem uma série de etapas para cumprir, hoje foi falado anteriormente e é verdade, há 20 anos atrás as obras se iniciavam mais simplesmente, a gente tinha menos etapas para cumprir, a legislação era menos rigorosa e a gente fazia, mas também, as obras causavam mais impacto, por exemplo, uma desapropriação, muitas vezes o proprietário recebia muitos anos depois, e o poder público executava, passava o trator por cima, hoje em dia existe uma segurança do proprietário de que ele realmente vai receber o valor do imóvel e ele tem todas as instâncias pra questionar e chegar a um valor justo, e isso, com relação ao impacto ambiental também, a obra toda tem que cumprir esse rigor e essa legislação ela não é uma legislação que não tem uma razão de ser, ela cumpre sua função para que a gente tenha uma obra bem executada e com o mínimo impacto possível, mas isso tudo causa atrasos na obra, é que infelizmente a prefeitura também tem uma estrutura limitada para a gente fazer um plano de obras bastante extenso, que o atual governo nos incumbiu de fazer, nós estamos trabalhando, a nossa secretaria, o secretário do verde também está assoberbada com esse grande número de empreendimentos complexos, como essa obra é complexa, imagina 5 piscinões e uma extensão grande de canalização, é uma obra bastante complexa, e como essa tem uma série de outras, tem o córrego Paciência, aqui na região, bem próximo, também uma obra que está em

procedimento de licenciamento, licitação, tudo isso demanda um tempo, infelizmente a gente e a gente não consegue se comprometer, o que eu posso dizer é que nós estamos finalizando todas essas etapas, nosso prazo é finalizar todas essas etapas pra iniciar a construção de canteiro de obras para este ano. Mais existem imprevistos, existem percalços que atrasam as obras, não é só prefeitura de São Paulo, vejam, obras do metrô sofrem atraso, tem uma estrutura grande, obras de vários outros órgãos. O que eu posso prometer aqui é o empenho da equipe da SIURB, como a gente vê aqui que existe empenho também da secretaria do verde, para que isso seja viabilizado no menor prazo possível, e isso eu possa dar a informação e o testemunho de que está sendo finalizado e deve ser iniciado realmente no começo do próximo ano, final desse ano a gente começa a implantar os primeiros canteiros de obra, alguma coisa assim, e vamos esperar as frentes de obra que não tem desapropriação que são as mais viáveis para serem iniciadas ainda esse ano. Eu lamento que tenha sido dito que a SIURB tem difícil acesso, mas realmente a gente tem um foco em empreendimentos específicos, o atendimento mais próximo que a prefeitura oferece para a população é pelas subprefeituras, mas isso não exige a SIURB de oferecer atendimento que se demanda dela e a gente procura cumprir. Se realmente está havendo alguma coisa, a gente vai conversar internamente pra melhorar isso, mas eu espero que essa imagem de afastamento da SIURB não seja. Vocês vão ver quando estiver a obra em andamento, isso eu citei a obra do Cordeiro, o relacionamento da equipe de obra com a população do entorno é bastante próximo e com exposições e com uma dinâmica bastante intensa nesse sentido, e vocês vão ver na prática isso acontecer. Obrigado.

Sr. Niwton: Dona Lenita, deixa eu aproveitar e já explicar para a senhora sobre limpeza do córrego. Dona Lenita, explicar uma coisa. Ela já foi embora, mas deixa eu responder. A subprefeitura teve que suspender, por 120 dias, a limpeza manual de córregos, justamente aquela capinação que eles fazem. IPTU não é responsabilidade de subprefeitura. Sim, sem dúvida, a senhora está totalmente correta, mas deixa eu explicar. Essa suspensão foi por problema da Secretaria de Finanças, tá. O que acontece, é limitado todo mês o pagamento das equipes, e quando há renovação do contrato, eles não fizeram essa reserva financeira. Como todo contrato da prefeitura, toda compra da prefeitura só é efetuada quando já há o dinheiro, então eu não podia renovar, ou seja não existe mais aquele negócio, faz fiado. Agora só pode ser executado um contrato, só pode ser feita uma compra com o dinheiro reservado. É o famoso empenho. A secretaria ficou uns 3 a 4 meses atrapalhada com esse novo processo, porque antes, anteriormente, era um órgão chamado, Senpla, que gerenciava todo esse trâmite financeiro, como a partir de agora, eu acho que no dia 15, eu não lembro o dia, nesse mês, eu já tenho condições de renovar esse contrato, com certeza nós vamos voltar a limpeza do córrego, isso é compromisso. Obrigado.

Sra. Júlia: Nós vamos chamar o último bloco, que são dos moradores. Diferente da resolução 069 do CADES que são as entidades que representam as pessoas que moram aqui tinham cinco minutos para expor suas considerações, cada morador agora tem dois minutos para fazer isso. Então a gente vai fazer um bloco, com cinco pessoas, as pessoas perguntam, e aí a gente passa para

a mesa às respostas finais. Dona Lígia Wei, Sr. José Erivaldo dos Santos, Sr. José Antônio Zuquetto, Sr. Fábio Tomazzini e Sr. Ricardo Melo.

Ligia Wei: Boa noite, eu vou ser bem clara e rapidinha, eu moro bem na Conchilia, exatamente na pororoca dos córregos, é bem na minha porta. No ano passado, no dia 07 de março, ainda quem foi me socorrer foi o senhor Miranda, que ele esteve na minha casa, a minha casa na TV Globo, a minha casa entrou água para tudo quanto foi lado, eu perdi tudo o que eu tinha dentro da minha casa, inclusive obras de arte, eu indo para o leilão, o que ficou para mim uma perda muito grande, não só por valores financeiros mais também estimativos. Bem, a minha casa fez todo o processo possível de comporta, e a gente bota, inclusive bombas eu coloquei, começava a chuva forte, a Eletropaulo tira a luz da gente, ficamos 20 e tantas horas aquele dia sem luz, ou seja, as bombas não serviram para nada, eu tive um problema com um pai de 90 e poucos anos, lá eu perdi, também pela tensão que ele passou eu acabei perdendo meu pai, então, eu acho que a situação, eu sei que é muito difícil, uma burocracia enorme, tem uns 100 números de procedimentos para você chegar até lá, mas eu estou tentando desde que fiquei sabendo do projeto, saber uma única coisa, se aquele pedacinho da Conchilia, se nós moradores ali nós vamos ser desapropriados ou não, porque a minhas casa, nessas alturas, eu fiquei na metade de uma obra, eu perdi tudo o que eu tinha pra fazer de obra, não posso terminar, não sei se vendo, não sei se alugo, se fecho as portas, é meu único imóvel e eu não sei o que fazer. Então, eu preciso ter uma posição assim como os outros moradores daquela quadra, o nosso vizinho de fundo é o rio, a

gente precisa saber o que vai acontecer, porque não é só a tensão de não dormir quando começa a chover de madrugada e ter que sair correndo para tirar carro, socorrer vizinho, água subindo até o teto, existem filmagens minhas, que infelizmente não deu tempo de eu trazer, de carro coberto até o teto na porta da minha casa, mas é só essa tensão, é a tensão da gente saber o que vai acontecer, e outra, se os valores serão pagos naquelas casas, serão valores condizentes com o imóvel que a gente tem, pra gente poder ir morar também de uma forma mais ou menos daquilo que a gente não tem, não ter que ir morar sabe lá Deus depois disso. Então era isso que eu gostaria de saber dos senhores, por favor.

José Erivaldo dos Santo: Boa noite, eu sou José Erivaldo, todo mundo me conhece aqui, eu sou conselheiro pelo Jaçanã/Tremembé, e eu vou fazer uma ressalva ao que o amigo levantou, eu concordo plenamente com o vereador falou agora há pouco, que a cerca de 30 anos esse projeto já foi aprovado esse projeto dos moradores entraram para que não fosse executada essa obra, mas hoje em dia eu acredito que foi melhor e ela ser ter sido feita há 30 anos atrás e ela ser executada agora, porque se ela fosse executada 30 anos atrás, não seria, não teria sido feita com os recursos que serão feitos agora, com maior capacidade de drenagem, etc, etc, etc, então vai ser de maior valia para os moradores vivem nessas áreas de enchentes. Outra coisa, o presidente da associação, aqui da Vila Albertina/Tremembé, ele mencionou alguma coisa que, eu estava no SIURB o dia que fez a audiência pública no CEU Jaçanã, e isso já faz mais de ano, e ele falou que já estava elaborando todos os trâmites para ser enviado para a Caixa Econômica Federal para adquirir recurso do PAC,

inclusive o licenciamento do meio ambiente, inclusive ele falou também que tinha um outro órgão que se não pudesse, se não conseguisse a licença pelo meio ambiente, teria outro órgão que ele poderia dar entrada para conseguir a licença para elaborar esse projeto. Eu sei o nome aqui, mas não vou falar, porque é antiético, deixe que ele fale. E eu deixo uma pergunta para o meio ambiente, eu acredito que o meio é importante, mas eles tem que dar a importância para esses moradores que vivem em área que tem enchente, etc, que tem criança, tem família que toda vez que tem enchentes as casas das pessoas encham de água. Está tendo um projeto como essa, que é de grande valia para o desenvolvimento por melhoria das pessoas e das moradias das pessoas, o meio ambiente acho que tem que pensar um pouco, na melhoria das pessoas, e ajudar as pessoas, dar um andamento nesse processo de licitação, liberar, ajudar as pessoas, porque isso não está ajudando só a prefeitura, está ajudando a comunidade e eu acho que a comunidade está precisando de melhoria, a comunidade precisa viver num ambiente melhor, não custa nada o meio ambiente também colaborar com a população, é o meu entendimento, porque eu penso que a população merece isso também, e era isso aí que eu queria enfatizar, muito obrigado.

Sr. José Antônio Zuquetto: Boa noite, eu queria fazer uma pergunta técnica para o engenheiro, mais pontual, eu sou da região da Fazendinha, que é perto da Rua Conchilia, mais precisamente ali da Rua Correntinhos, famosa, que sempre aparece nas reportagens, que sempre inundou, tem 40, tem mais de 50 anos e eu estou este tempo todo aqui no bairro. EU queria saber primeiro que tem um problema que a gente sempre visualizou durante as

chuvas que lá, na reta da Rua Conchilia, o rio percorre numa velocidade X ali, quando chega na curva, que ele vai entrar na Rua Maria Amália Lopes de Azevedo, onde hoje é a Caixa Econômica Federal, se pode ver até por fotografia aérea que ele faz um ângulo agudo ao contrário, ele perde velocidade o rio e atrapalha essa curva que tinha que ser a esquerda, isso é uma questão que há muitos anos eu tenho essa dúvida. Como vai ser a curva da Conchilia para a Maria Amália. A outra é a seguinte, a represa, a antiga represa da Cantareira, lá na serra, onde atualmente é um parque Sabesp, para os funcionários da Sabesp, que antes era um parque público, como o Horto é, eles tem lá, o que era nossa antiga represa que abastecia o fazendinha, eles tem lá um pesqueiro. Esse pesqueiro, ele continua sendo a represa dos mananciais, pelo que eu sei, se eu estiver errado vocês me corrijam, estou fazendo uma pergunta. E o que acontece, isso a gente sempre nota na vila, que depois que a chuva acaba, a água, ele tem que fazer o sangramento, o sangrador, não sei, quando o temporal vem, porque o pesqueiro está cheio, então no meu entendimento leigo, se ela não está mais ativa como represa, isso deveria ser usado também como reservatório. Eu não sei como está essa questão da Cantareira, se foi estudada alguma coisas nesse deságue da água da Cantareira, da antiga represa, como é que está sendo feito isso. E parabenizando até a ideia que eu achei brilhante da construtora que era ali na Nações Unidas que é uma casa de material de construção, no estacionamento que foi feito um piscinão, porque a exemplo disso não ter que ser feito no Bradesco, que passa atrás, que tem um estacionamento enorme e não pode ser feita essa iniciativa porque tem o Bradesco, ali antes da Rua Conchilia,

quando vem a reta, me foge o nome da rua, mas é atrás do Bradesco, são essas 3 questões, obrigado.

Sr. Fábio Tomazzini: Boa noite a todos, eu sou morador da região desde que nasci, estou com 60 anos, moro na Rua Vilarinho, ali onde tem um asilo de senhoras idosas, tem uma creche da prefeitura conveniada ali e nós somos afetados por um córrego que eu até estranhei, não foi mencionado, mas pelo que eu entendi, não haverá intervenção nenhuma ali. Córrego do Horto, e estranhei também que eu acompanhei o projeto inicial, o reservatório número 1 era dos lagos do Horto Florestal. Eu quero saber porque não haverá nenhuma intervenção ali, visto que, essa região, esse córrego ele se encontra ao lado do córrego que vem do Cantareira, que o colega falou aqui, ao lado da escola municipal Noé de Azevedo e quando nós fomos atingidos por essa água é água do lago do Horto Florestal que vem pelo córrego do Horto, tá. E uma outra coisa também, falando de meio ambiente, nós pegamos tartarugas, peixes, outras espécies, cobra, logo após que a água retorna ao seu leito, tal. Então a gente percebe o seguinte, existe sim ter um intervenção no córrego do Horto e dentro do lago do Horto, porque lá existe uma comporta que represa aquele lago e não há orientação nenhuma de abertura dessas comportas. De madrugada, quando chove muito, é totalmente inundada a rua, aqui a colega que também mora na região, está me trazendo as fotos, tá. Então eu quero saber porque não haverá nenhuma intervenção lá naquela lago e também ao longo do córrego do Horto. Muito obrigado.

Sr. Ricardo Melo: Esse morador tinha dificuldade de fala e dicção, tornando impossível a compreensão de suas palavras via gravador

Sra. Júlia: A mesa pediu para juntar nesse bloco o sr Michelângelo.

Sr Michelângelo: (senhor italiano também com dificuldade de se expressar) Desculpe meu segundo intervento, mas me esqueci de uma coisa importante, a respeito do córrego, prevendo que o projeto saia, pois acho que não será realizado em pouco tempo, e neste tempo eu queria saber uma coisa, como aconteceu nos anos passados, que quase nunca foi limpado o córrego, podia existir um sistema pra evitar enchente, existem sistemas, eu sei porque já vi fazer lá na Itália. Se o córrego é pequeno, é claro sobe pouca água, e acrescentando com o excedente de lixo e toda comida que vai pegar do esgoto, claro que, na bacia, a cala interior fica levantando e fica pouco espaço para passar água, é outro que causa enchente, porque não tem mais espaço. Se a prefeitura antigamente tivesse limpado, e tivesse escavado também com escavadora, o rio teria que ser capacitado para acolher mais água, ok? E queria perguntar também para o engenheiro, visto que foi feita uma manutenção insuficiente no passado, queria perguntar se no futuro terá uma manutenção agendada, é fácil só falar, mas é preciso colocar na agenda, cada 3 meses fazer a limpeza de ralo. E quanto a educação que o senhor mencionou antes, uma adequação do povo, iniciando desde agora, depois que será efetuado o projeto, precisa instituir uma educação e já iniciar na escola, na primeira série, ensinar ele, educar ele que jogar lixo na rua, no córrego é crime. Obrigado.

Sr. Daniel Ramalho: Boa noite, primeiro eu gostaria de parabenizar o França quanto a engenharia. O projeto está sendo feito por técnicos preocupados com a população, tá. Se a obra não foi feita há 50, 40, 30 anos atrás, não foi por falta de embasamento intelectual, mas por falta de interesses políticos porquê que estava, está e quem está ainda continua, isso perpetua. Bom, a minha questão é a seguinte. Ano que vem, 2016, ano de eleição. Nova prefeitura, nova equipe técnica do novo prefeito de quem pode vir a ser, ou quem vai continuar, a minha questão é esse projeto, ele tem começo, ele vai ter um meio e ele vai ter um fim, sabendo que ano que vem há uma provável nova prefeitura?

Sr. Niwton: Dona Lígia, a senhora falou sobre a desapropriação e valores. Digamos que já estou ficando até bom nisso em dar informação ruim, mas pra senhora vou dar uma notícia boa. Primeiro, quando há a desapropriação, a prefeitura atualmente, ela paga o valor de referência, esse valor de referência, isso eu aprendi com o meu amigo do jurídico de lá, ele é uma média do valor do imóvel da região, não posso dizer que é valor de mercado, mas é bem próximo disso. Caso a senhora não esteja contente com esse valor, a senhora ainda tem como questionar isso, ou seja, ninguém é desapropriado pela prefeitura atualmente, isso já é legal, tá, não é pelo IPTU, o IPTU é valor venal, tá, isso daí foi no passado. É empresa de consultoria imobiliária que gera esse valor, no momento em que a senhora tiver dúvida sobre esse valor e ele não agrada, a senhora pode questionar, tá. Essa informação já foi dada para o pessoal do Córrego Tremembé, por isso já estou sabendo. E a segunda que a senhora falou sobre certeza que vai desapropriar sua residência (moradora falando do auditório, fora do microfone).

Eu conheço ali, trabalhei com o Dr. Miranda, que era o prefeito, eu já era de obras então eu tive que fazer um estudo sobre isso daí, um estudo básico do por que isso. Alguém mais falou sobre limpeza de galerias, acho que foi o Michelângelo, foi. Se não tivesse feito a limpeza naquela época, e fui eu mesmo que era de obras, de coordenação, a situação ia ser muito pior. (depoimento de moradora no auditório, fora do microfone). Sim, houve outras complicações da Sabesp. Eu não posso te falar agora, para a senhora, agora eu não tenho condições porque eu preciso de mais informações precisa, tá. Eu já havia comentado que a partir do dia 10/08 eu vou deixar uma pessoa já treinada pra dar informação para quem estiver no perímetro, no próprio desenho já vai ser fácil localizar. Ali, com certeza a senhora vai ter que ir lá para conversar com a gente (novamente morador no auditório, sem microfone), não vou falar nem que sim nem que não. Vamos fazer o seguinte, a partir do dia 10/08 a senhora me procura, vou deixar meu número de telefone, fica mais fácil, eu deixo um número de telefone, e vocês ligam, no dia 10/08 para ter uma ideia de quais são os IPTUs que podem ser atingidos, eu disse, pode ser atingido, eu não estou falando nem que sim, nem que não. Existem 152 na lista, mas não vou falar, vai atingir, não vai atingir, eu vou estar sendo leviano na informação, ok? Deixa eu falar sobre o rio Limpo, o Ricardo, existe uma ação da Sabesp que eu não vou falar nem que é promessa, já é ação judicial que eles tem um prazo para despoluição de todos os córregos de São Paulo, se não me engano é o do projeto Rio Limpo e ele é dividido em 5 fases, e já está na terceira fase para completar isso. Aqui a zona norte, virou canteiro de obra, e eu levo a culpa por todos os buracos que vocês estão vendo aí, no asfalto, eu, a subprefeitura e no final não sou eu o culpado de tudo isso. A

Sabesp faz, e faz o serviço de tapa buracos depois. Está errado, eu mando multar, só isso, mas já há um trequinho, um piloto que nós conversamos com eles deles nos ajudarem, Córrego Anhanduzinho, é ali perto da rua Mário Lago, Vila Nova Galvão, há um trecho de mais ou menos uns 100, 150 metros, já tem até peixe, aquela guaruzinho, mas era peixe. (novamente morador fora do microfone). Eu entendi a sua pergunta., Está errado, isso tem que ser bombeado pra cima, orientação da Sabesp. Sobre jogar sujeira no rio, você concorda comigo que é errado, né? Então, você tem que pedir orientação para a Sabesp. Isso daí é uma informação que é interessante passar. Todos os imóveis que lançam esgoto em córrego, ou rio, ou o que for, em qualquer meio d'água, estão sujeitos a multa. Todos denunciam, isso é fato, eu sei porque já assinei várias vezes. Eu acho que de minha parte eu já respondi. Pedro fica com a palavra.

Sr. Júlio César dos Reis: Bom gente, boa noite. Eu vou procurar responder dois questionamento. O do José Evaldo e o do Daniel. Primeiro o do José Evaldo que fez o seguinte questionamento, “que o meio ambiente tem que dar mais importância para os moradores”. A gente tem que entender que essa audiência está sendo chamada, justamente por conta de uma questão do meio ambiente, vocês estão sendo ouvidos nesta noite porque uma lei do meio ambiente solicitou a audiência pública, então a todo e qualquer momento, gente, o meio ambiente sempre está muito preocupado com a população. Nós aqui, a SIURB que é a empreendedora, as vezes arruma brigas até homéricas porque o meio ambiente sempre está pedindo mais coisas para que a parte ambiental ganhe e com isso todos os moradores do entorno ganhem, então essa estigma de que

o meio ambiente segura as coisas, de que o meio ambiente trava as coisas, não, é porque o meio ambiente quer que a coisa seja feita sim da melhor maneira possível, respondendo ao José Evaldo, então esqueça isso por favor, nós estamos aqui, nós somos parceiros de vocês para que tudo saia da melhor maneira possível. Quanto ao questionamento do Daniel, se a obra terá continuidade, eu queria só te dar exemplo: uma das maiores obras que hoje vai ser inaugurada, nessa gestão, ela chama Córrego Ponte Baixa, lá na M'Boi Mirim, na zona sul, não começou com essa gestão, começou na gestão passada. O licenciamento ambiental foi todo feito na gestão passada e, hoje essa gestão entregou muitas coisas, uma grande parte da obra. Então, existe sim continuidade dos projetos, os bons projetos tem continuidade e quando existem os recursos, os recursos são financiados, ele tem começo, tem meio e tem fim. Tanto é assim, que, o Pedro Algodoal, ele é um funcionário de carreira, assim como eu sou um funcionário de carreira, que tem visto isso acontecer. É lógico, nem todas as obras a gente consegue terminar, as vezes muda um pouco, mas as grandes obras que são de interesse da população da cidade, como corredor de ônibus, e essas questões de drenagem, elas sempre tem começo, e mesmo que resvalam em alguma coisa de uma outra gestão, o administrador consciente, ele vai fazer com que isso termine, independente de quem começou, era isso que eu queria colocar. (morador falando no auditório, sem microfone). Acreditamos que sim, até porque, entre aspas, o que trava é o que? É o processo de licenciamento ambiental, algo que precisa ser feito, é o processo de obtenção de recursos, junto à Caixa, ao BNDES, junto a quem for o órgão que vai ser o financiador, e depois que essas duas partes, que são as mais fundamentais do processo,

estão resolvidas, o restante é tocar a obra. Tendo o recurso disponibilizado, a obra ela vai sair. Então, a tua pergunta eu respondo que tem 95% de possibilidade disso acontecer. Eu não estou vendo isso acontecer numa obra que começou na gestão passada que eu acabei de te dizer, que é uma obra lá na Ponta Baixa, que é uma obra no M'Boi Mirim, lá na zona sul. Era uma obra extremamente complexa que começou na gestão passada e quem tá hoje inaugurando, é essa gestão, está acabando de concluir e está fazendo. Eu tenho 7 anos de prefeitura e eu tenho visto que as administrações, quando as obras são boas para a cidade, independente de quem está lá, ele vai fazer a obra porque é para a cidade, é bom pra cidade. Lógico, nem toda obra tem continuidade, mas nesta que tem envergadura e que vai resolver a vida de milhares e milhares de pessoas, com certeza, que isso aqui, tendo recurso e sendo licenciada, ela vai continuar.

Sra. Júlia: Pedro, por favor.

Sr. Pedro Luiz de Castro Algodoal: Bem, como eu tenho uma série de perguntas aqui para responder, primeiro eu queria tirara uma dúvida que surgiu que eu teria dito numa das reuniões do passado que eu poderia fazer esse licenciamento em outro órgão ambiental. Provavelmente eu tenha me referido a uma elemento relacionado ao licenciamento ambiental, que é chamado de outorga, todas as obras em cursos d'água são passíveis de uma outorga no DAEE, essa etapa já foi cumprida caso do Tremembé, foi obtida a outorga no DAEE, e isso é um elemento para o licenciamento, não que é uma licença independente que vai que vai eliminar a necessidade da licença ambiental na secretaria do Verde, não, é

uma coisa que soma com a outra, então eu provavelmente me referi a esse licenciamento que se chama outorga, no DAEE, tá. Queria deixar bem claro que não existe um jeitinho para a gente escapar do licenciamento ambiental, tá. Que isso fique bem claro. Outra coisa, se falou muito da obra que foi projetada anos atrás, eu conheço esse projeto, era um projeto antigo, que se chamava GEPROCAVI, e tinha uma grande avenida, com duas pistas, era um projeto que a gente chama de arrasa quarteirão. Se a gente está falando em números de 150 desapropriações, aquele número, mesmo sendo há mais de 20 anos, o número era muito maior de desapropriações e o impacto daquela obra teria sido maior, então eu não sei se foi bom ou se foi ruim não ter saído aquela obra naquela ocasião. Sobre aquele problema hidráulico na Rua Conchilia e da represa e do pesqueiro, eu vou pedir depois para o Fausto, eu não conheço tanto a região para responder especificamente para responder essa pergunta, eu vou pedir para o Fausto que é o projetista, ele fazer depois um esclarecimento sobre 2 aspectos. Eu vou falar um pouco sobre o reservatório do Horto Florestal, que é um R1 e que eu não mencionei na minha apresentação, e nem ele está incluído no licenciamento ambiental dessa obra, mas ele faz parte do projeto porque de fato é um busca sanar a ideia de fazer, de otimizar o lago do Horto para criar um volume de reservação naquele local, ele visa realmente atender um problema que acontece que o lago extravasa e atinge casas e etc. Só que existe a necessidade, no caso do Horto, existe a necessidade de uma negociação específica com o governo do Estado com os gestores do Horto. Essa negociação, ela começou no mês passado, a gente já teve uma conversa com os gestores do Horto, mas foram pedidos alguns estudos adicionais, um estudo ambiental

específico para esse tipo de intervenção, mas se a gente condicionasse todo o processo de licenciamento ambiental à essa negociação com o Horto, a gente atrasaria ainda mais ainda o licenciamento de toda a obra porque ela ficaria toda amarrada com esse projeto específico do reservatório, tá. Então qual foi a estratégia que a SIURB adotou nesse caso, nesse momento retirar e não inserir o reservatório 1 no licenciamento ambiental. Todas as outras obras elas vão produzir os efeitos previstos e o abatimento de cheias no restante da bacia, realmente vai faltar esse efeito que seria proporcionado pelo reservatório 1 que, quando a gente conseguir essa, a gente obter esse aval dos gestores do Horto, nós vamos apresentar e incluir num licenciamento ambiental para daí a gente conseguir fazer essa obra. Isso já está iniciado, a perspectiva de obter esse tipo de aprovação é boa, mas a gente precisa fazer alguns ajustes no nosso projeto para adequar ambientalmente o projeto hidráulico aos condicionantes que o Horto estabeleceu, então não está esquecido, inclusive no nosso banner ainda está constando esse reservatório 1, que não é um reservatório, é só uma adequação hidráulica do lago que vai ter um efeito de amortecimento que já existe hoje, ele já é naturalmente que compõe um sistema hidráulico da bacia do Tremembé, mas ele vai ser utilizado e o lago vai manter, na verdade a proposta é requalificar até o lago. Da maneira como ele está, as pessoas que passeiam lá pelo lago, veem que ele está completamente assoreado e está degradado, tá, existe despejo de esgoto no lago e a proposta da SIURB é resgatar e requalificar ambientalmente esse lago e evitar ainda esse extravasamento que realmente foi constatado que ocorre. Sobre o questionamento que o Michelângelo fez, de criar uma manutenção agendada sistema de drenagem do município,

isso é uma ideia que a SIURB já e está tentando viabilizar e uma das ideias para fazer isso é fazer uma PPP, que a gente chama, criar uma parceria com empresas para elas receberem por manter os córregos, principalmente os piscinões, no caso, a nossa proposta seria específica para os piscinões. Para manter a empresa ganharia, isso tá sendo viabilizado, não pode ser considerado, mas é uma das ideias que a gente tem, tanto as subprefeituras quanto as SIURBs estão atentas a esse problema, é complicado, exige recursos, exige gestão, mas a gente está procurando maneiras sim, de melhorar esse atendimento. Agora, a construção dessa obra, eu insisto, ela vai trazer benefícios, tanto para manutenção quanto ela vai exigir, ela vai criar acessos e ela vai exigir menos manutenção, porque ela vai ter menos locais inacessíveis, uma vez que não tem hoje, ela vai criar os acessos. (morador falando do auditório fora do microfone). Então, essa obra, a gente, a SIURB já fez uma obra parecida no lago do Aclimação. O lago do Aclimação ele sofreu 4 anos atrás, ele esvaziou, rompeu a estrutura de esgotamento e ele esvaziou, aí, na reconstrução, a SIURB pôde implantar um sistema que está sendo proposto para o lago do Horto, que é um sistema que permite a variação do nível do lago. Quando vem uma onda de cheia, o lago retém aquela água, ele eleva e depois que passa a chuva, ele esgota. Ele funciona na prática como se fosse um piscinão, ao invés dele já transbordar e esgotar toda a água, ele vai funcionar como retenção, isso no caso do lago do Aclimação ele já proporciona hoje segurança para a Rua Muniz de Souza, ali que é a jusante, já não houve mais registro de inundação na Muniz de Souza depois que a SIURB executou essa obra de reconstrução sistema hidráulico do lago do Aclimação. A mesma ideia a gente está pleiteando junto aos gestores do Horto para implantar da

mesma forma e sendo retida essa água no lago, haverá uma proteção das áreas que hoje sofrem, então as jusantes que sofrem com as enchentes (morador falando do auditório, fora do microfone). Você fica para cima do lago ou para baixo? Então, a concepção da obra foi justamente evitar intervenções muito extensas e muito impactantes. Se a gente fosse trocar toda essa canalização, a gente teria uma grande desapropriação, você mesmo está falando que tem várias construções. São construções muito próximas ao córrego ou até em cima dele (morador falando do auditório, fora do microfone) olha, todo projeto ele vai ter um detalhamento, o nosso colega, o Fausto, ele é morador da região, e ele se empenhou realmente em fazer um projeto avaliando todos esses aspectos, agora se alguma coisa ficou ou pode ser aperfeiçoada, agora está na nossa mão a gente fazer esse tipo de detalhamento, agora, se tem algum a outra questão que possa ser incorporada, ou que realmente se demonstre necessária para sanear a região, isso vai ser contemplado, sim, deixa eu continuar aqui, então eu até vou pedir para o Fausto, aquela questão da curva da Conchilia com a Maria Amália e o problema que foi apontado pelo, esqueci o nome dele, sobre o a represa da Sabesp, o pesqueiro, se você tem conhecimento disso.

Fausto: Muito boa noite a todos, com relação a esses dois tópicos, tentando ser o mais sucinto possível, por causa do adiantar das horas. Realmente existe o clube da Sabesp e existe já o reservatório, um espelho d'água muito grande ele tem hoje já uma eficiência do ponto de vista de regularização das vazões, porém ele fica muito acima do ponto. Do ponto dessa saída do reservatório até próximo a Francisco Inglês, nós temos o que, uma grande

contribuição de área, que vai resultar em grande contribuição de água, por isso que nós tivemos que fazer uma otimização e colocar o primeiro reservatório próximo a Francisco Inglês, para complementar essa otimização, está sendo utilizada essa reservação, no clube da Sabesp. Respondido? Com relação a Conchilia, passando pela Caixa Econômica Federal, bem abaixo da Caixa Econômica Federal nós temos uma galeria hoje, fechada, esperando a intervenção urbana que infelizmente vai passar pela Rua Conchilia pelo córrego Tremembé, ligando, passando, pela rua Maria Amália ligando nessa galeria que já está pronta, essa singularidade está sendo considerada no projeto, pode ficar tranquilo. Exatamente, ok? Ah, aquela região do estacionamento atrás do Bradesco, ele foi estudado num conjunto de obras, esta alternativa apresentada foi a sétima alternativa. Numa delas nós estudamos a possibilidade de utilizar o estacionamento, só que infelizmente, ele ia encher muito rápido, em poucos minutos, ele não iria ter a eficiência necessária. Ia fazer o que, mais uma área que não ia ser suficiente para acomodar as águas. Fazer drenagem e ter espaço para poder colocar as águas, aquele espaço é muito pequeno, ok? Muito obrigado

Sr. Niwton: Bem, eu tenho uma boa notícia, que acho que é em primeira mão, se eu fosse jornalista, o córrego Paciência, eu recebi aqui a informação do secretário, que houve já aprovação da parte da secretaria do Verde, e agora a SIURB que fique responsável pela execução já. E como eu havia prometido para a dona Lígia, e os moradores, se vocês puderam anotar um número de telefone, a partir do dia 10/08 vocês podem ligar para esse número e obter informações, se vai haver intervenção na área ou não. Informações

mais detalhadas, solicito irem pessoalmente caso estejam nesta lista, entre os 152. O número é 3397-1002. A partir de dia 10 de agosto, a partir das 9h. Não é uma pessoa só não, são duas, três, porque 150 ligando ao mesmo tempo, só vai poder transferir as ligações, então se eu falar o nome de uma eu vou tirar que é uma minha equipe, tá. Direto para esse pessoal, se tiver ocupado, vai cair na secretaria eletrônica que já vai transferir, eu vou pedir para a programação lá, á? Eu agradeço a presença de todos, essa é uma iniciativa em que todos esses detalhes que vocês mesmos estão colocando, corrigem o projeto final, como foi bem lembrado pelo senhor que falou do Horto, da concordância da Conchilia e assim por diante. Eu agradeço a presença de todos e agora com a palavra o secretário do verde e meio ambiente. Obrigado.

Sr. José Tadeu Candelária: Bom, na verdade era só para mim dizer para vocês que tinha encerrado, mas antes eu queria dar um testemunho para vocês todos aqui. O que eu percebi de tudo foi dito aqui, tudo o que foi falado aqui, eu prestei muita atenção, a preocupação de todos é que se essa obra será realizada ou não, e a insegurança de vocês tem procedência, né? A gente que é da área pública, que está a muito tempo trabalhando nela, sabe que isso realmente é uma verdade, mas nós estamos em novos tempos, isso está mudando, está evoluindo e eu quero dizer para vocês ficarem tranquilos com relação a este aspecto, que a pessoa que está fazendo o controle desses licenciamentos e desapropriações, etapa por etapa de cada uma dessas obras que o que o prefeito considerou como prioridade zero da gestão dele, é o próprio prefeito. Ele não tem nenhum staff cuidando, ele não tem assessor, é ele que está fazendo isso. Outro dia ele ligou para o Júlio, que faz

a parte de licenciamentos. Ele está cuidando disso diretamente como se fosse uma coisa de vida ou morte para ele. Nós somos cobrados diariamente a respeito desses projetos. Por isso que eu digo, a pessoa mais interessada na aprovação desses projetos e colocar eles na rua, é o prefeito. Eu posso garantir isso para vocês e estou falando isso com absoluta convicção de que isso é uma verdade. Quem me conhece sabe que eu não tenho interesse em enganar ninguém, e nem mentir para vocês. Eu estou dizendo para que vocês fiquem tranquilos. Se não acontecer, é porque não tinha que acontecer, mas se depender do prefeito essa obra será executada na gestão dele. Isso eu posso garantir para vocês, porque é ele que está fazendo o acompanhamento. Nós temos aqui e estou falando para vocês isso, na presença de vários funcionários efetivos da prefeitura e eles são testemunha disso, A cada 10, 15 dias, o prefeito faz uma reunião nós temos que fazer um relatório lá e ele quer saber caso a caso porque que não foi, a responsabilidade de quem é e de quem não é e porque não está acontecendo, então eu tenho convicção que isso vai acontecer, e nós estamos trabalhando nisso, estamos com todo o pessoal da secretaria empenhado nisso, porque ele garantiu que vai executar. Ele tem esses recursos, ele tem mais de R\$ 8 bilhões e termos de obras, e ele está agilizando todo esse projeto para que ele possa executar, ele também tem interesse de executar, isso é uma coisa natural, né. E ele está priorizando justamente as obras mais importantes, que são as obras de drenagem e mobilidade urbana, e também, uma notícia boa que tem é que o prefeito tá viabilizando também, que nós estamos trabalhando no HIS, que são 80 mil unidades habitacionais que ele quer iniciar e ver se ele consegue concluir ainda dentro do governo dele, tá bom. Era isso que eu

queria dizer para vocês como testemunho de que eu estou falando e que vou ter que voltar aqui, tá bom, então eu quero agradecer a presença de vocês, a intervenção de todos vocês é importante, vocês fazem com que esse projeto ele possa enriquecer. Vocês perceberam a fala do Pedro, do Antônio, do França, do Júlio, de todos, do Niwton aqui, que a gente tá imbuído da maior boa vontade. E não estamos aqui porque acreditamos que isso vai acontecer, tá bom. Até porque o Niwton ele está aqui todos os dias, ninguém ia falar alguma coisa que não fosse acontecer com a preocupação de sair na rua, porque ele anda normalmente, ninguém tem segurança, nem nada. A gente anda normalmente na rua, tá bom. Então era isso que eu queria dizer. Então, mais uma vez agradeço a presença, a participação de todos, e todos os técnicos que estão aqui de SIURB, da secretaria do Verde e Meio Ambiente, veio pessoal do departamento de planejamento, o Danilo, que é um assessor nosso especializado em licenciamento ambiental, muita gente que está aqui, todo pessoal do DPP que está aqui, enfim, todos nós não estaríamos aqui perdendo tempo se não acreditasse que isso fosse acontecer, tá bom. Então muito obrigado, boa noite, agradecer o vereador com a sua fala lá que ajudou bastante acho que deu um testemunho muito importante para todos nós também e acreditar que isso vai acontecer e a comunidade organizada garante que isso vai acontecer a garantia são vocês, se não acontecer a responsabilidade é de vocês, porque vocês tem que se organizar, tem que cobrar para que isso possa acontecer, tá bom. Uma boa noite a todos, muito obrigado.

É iniciada a projeção do vídeo:

"Projeto."

É iniciada a apresentação dos slides: